

12

CRISTIAN ALBERTO DE CRISTO

**CRESCIMENTO E MUDANÇA ESTRUTURAL NA ECONOMIA
PARANAENSE : UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de Ciências Econômicas, Setor de Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Dória Scatolin

**CURITIBA
2004**

TERMO DE APROVAÇÃO.

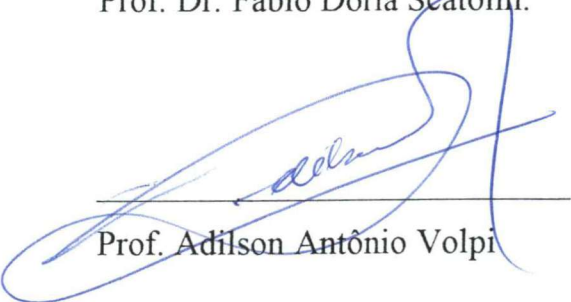
CRISTIAN ALBERTO DE CRISTO

CRESCIMENTO E MUDANÇA ESTRUTURAL NA ECONOMIA
PARANAENSE : UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO

Monografia aprovada como requisito para obtenção do título de bacharel em ciências econômicas, departamento de economia, setor de ciências sociais e aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: _____


Prof. Dr. Fábio Dória Seatolin.


Prof. Adilson Antônio Volpi


Prof. Murilo de Oliveira Schmitt

Curitiba 03 de Dezembro de 2004.

Dedico esta monografia a Daniel e Tereza meus pais, sem os quais jamais teria a oportunidade de realizar tal estudo, a minha irmã Damaris que sempre me apoiou em momentos difíceis, ao meu irmão Cleber que sempre tentou me fazer rir, aos meus sobrinhos Daniel Neto e Cleber Junior, e a Ana uma Segunda irmã que a vida me trouxe.

Agradeço ao professor e orientador Dr. Fábio Dória Scatolin, pelo acompanhamento e dedicação, aos meus amigos Guilherme, César, Narjara, Gleidson, Gyselli, Elisa e principalmente a Cristiane que sempre estiveram comigo nos momentos difíceis deste ano; e a todas as pessoas que tornaram esta monografia possível.

“Vencer sem dificuldade é triunfar sem glória”.

Autor Desconhecido

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	I
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	II
LISTA DE GRÁFICOS.....	III
RESUMO.....	IV
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. HISTÓRIA DA ECONOMIA PARANAENSE.....	03
3. EVOLUÇÃO DO PRODUTO PARANAENSE.....	12
3.1 EVOLUÇÃO DO PIB PARANAENSE.....	14
4. EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES.....	18
5. CRESCIMENTO E MUDANÇAS DO SETOR INDUSTRIAL PARANAENSE.....	22
5.1 EVOLUÇÃO DA CAPACIDADE ENERGÉTICA.....	25
5.2 A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA PARANAENSE.....	28
6. UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO DA ECONOMIA PARANAENSE.....	32
7. CONCLUSÃO.....	36
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
9. ANEXOS.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – PIB paranaense 1970 – 1984.....	40
Tabela 2 – PIB setorial 1970 – 1984.....	41
Tabela 3 – PIB paranaense 1985 – 1993.....	41
Tabela 4 – PIB setorial 1985 – 1993.....	42
Tabela 5 – PIB paranaense 1994 – 1998.....	43
Tabela 6 – PIB setorial 1994 – 1998.....	43
Tabela 7 – PIB paranaense 1999 – 2000.....	44
Tabela 8 – PIB setorial 1999 – 2000.....	44
Tabela 9 – Taxa de evolução PIB paranaense por período.....	14
Tabela 10 – Exportações paranaenses 1970 – 1984.....	46
Tabela 11 – Exportações paranaenses 1985 – 1993.....	47
Tabela 12 – Exportações paranaenses 1994 – 1998.....	47
Tabela 14 – Evolução das exportações paranaenses por período.....	18
Tabela 15 – Capacidade energética paranaense.....	25
Tabela 16 – PIB paranaense 1970 – 2000.....	49
Tabela 17 – PIB paranaense setorial 1970 – 2000.....	50
Tabela 18 – Exportações Paranaenses.....	51
Tabela 19 – Participação percentual da indústria no PIB paranaense segundo o ramo de atividade.....	52
Tabela 20 – Participação em valor corrente da indústria no PIB paranaense segundo o ramo de atividade.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIB – Produto Interno Bruto

CIC – Cidade Industrial de Curitiba

PND – Plano Nacional de Desenvolvimento

ICMS – Imposto de Circulação de Mercadoria e Serviços

Txs – Taxa de Evolução

Ln – Logaritmo Neperiano

Trans – Transformação

Mat – Material

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1 – Evolução do PIB paranaense.....	14
Gráfico 3.2 – Evolução do PIB percapita paranaense.....	16
Gráfico 3.3 – Evolução do PIB setorial paranaense.....	17
Gráfico 4.1 – Evolução das exportações paranaenses.....	21
Gráfico 5.1 – Evolução da capacidade energética paranaenses.....	26
Gráfico 5.2 – Evolução industrial paranaense por setor de produção.....	29
Gráfico 5.3 – Evolução da indústria paranaense.....	30

RESUMO

O estudo da evolução e das transformações ocorridas na economia paranaense entre 1970 e 2000 serão abordadas nesta monografia, de modo a demonstrar os diferentes estágios pelos quais a economia paranaense atravessou no decorrer do período estudado. Serão apresentadas também as principais transformações estruturais sofridas pela economia paranaense no período estudado a fim de se realizar um estudo condizente com a conjuntura atual. Além disto é apresentada uma nova proposta interpretação para a economia paranaense com o intuito de capacitar a economia paranaense para o futuro.

1. INTRODUÇÃO

A economia paranaense desde seus primórdios vem sofrendo transformações que alteraram sua estrutura de produção. Como explicar tais transformações e como mensura-las é verdadeiramente uma tarefa complicada uma vez que há diferentes correntes de pensamento para cada época pela qual a economia paranaense passou. Estas mudanças entretanto podem ser oriundas de diversos fatores e em épocas completamente diferentes das quais a maioria da população acredita. Outro ponto a ser verificado é qual a real estrutura da economia paranaense hoje, ou seja a dinâmica de acumulação é agrícola ou industrial, caso a segunda seja a conclusão chegada quando e como ocorreu esta transformação é a grande questão a ser respondida nesta monografia.

O objetivo central desta monografia é demonstrar a partir de variáveis chaves a evolução da economia paranaense entre 1970 e 2000 bem como suas transformações estruturais. Pretende-se também formular uma nova proposta de interpretação da economia paranaense, a fim de explicar suas tendências e perspectivas para o futuro.

Após esta introdução em um segundo momento é apresentada a evolução da economia paranaense e suas diferentes interpretações. Trata-se de uma análise que objetiva deixar o leitor a par da economia estadual desde seus primórdios até o fim do período estudado.

O terceiro capítulo aborda a evolução dos indicadores de renda do estado, são eles: PIB, PIB setorial e PIB percapita; onde é demonstrada a evolução destas variáveis através de gráficos e tabelas e cálculos de evolução percentual.

As exportações paranaenses é o tema abordado em um terceiro momento, onde será demonstrada sua evolução bem como as suas transformações no que toca ao setor de origem.

O ponto central da monografia é a evolução da indústria paranaense, tema abordado em um quinto capítulo que explica a mudança na estrutura e a dinâmica da economia paranaense, além de considerar aspectos de infra-estrutura importantíssimas para a evolução industrial.

No capítulo 6, ao diagnosticar-se as mudanças ocorridas na economia paranaense, apresenta-se a proposta inicial desta monografia, uma nova proposta de interpretação da economia paranaense, o qual será apresentado de forma clara e sucinta facilitando assim sua compreensão.

Por fim serão apresentadas as conclusões onde os principais pontos do trabalho serão abordados.

2. História da economia paranaense.

O Paraná aparece inicialmente como parte da capitania de São Vicente (que viria a se tornar o Estado de São Paulo), tinha como atividade econômica inicial a extração de madeiras de lei. Esta extração foi muito favorecida pela bacia da Prata facilitando assim a chegada a novas regiões antes inacessíveis aos colonos. Outro ponto que favoreceu muito a colonização inicial do Paraná foi a “lenda do ouro”, que afirmava que na região (principalmente no trecho da Serra-do-mar e onde atualmente se localizam Paranaguá e Curitiba) havia muitas jazidas de ouro e prata o que atraiu muitos colonos.

Por volta de 1680 quando as promessas de grandes jazidas foram desmentidas as poucas atividades que restaram eram: a coleta de ouro por aluvião (no leito dos rios) e uma lavoura bem reduzida voltada unicamente para a subsistência dos habitantes locais. A mão de obra era composta principalmente por índios (que escapavam do extermínio bandeirante e eram transformados em escravos) e a partir do século XVIII por negros (trazidos da África através do tráfico negreiro); próximo ao ano de 1798 o número de escravos negros já superava o número de índios. Paralelamente a procura de jazidas no Paraná, cresce a necessidade de gado eqüino e bovino no Estado de Minas Gerais (devido a descoberta de várias jazidas de ouro e prata), aproveitando esta necessidade inicia-se um movimento tropeiro através da estrada de Viamão-Sorocaba (aberta em 1731). Este novo processo leva vários colonos do Paraná a comprar gado eqüino e bovino mais ao sul, mantendo-os em seus campos (inverno) até a época em que estariam aptos a venda; tal venda ocorreria nas feiras de Sorocaba.

Através da criação destas fazendas de inverno de gado, é possível afirmar que inicia-se o processo de ocupação territorial do estado, que baseavam-se no trabalho escravo e índio, nesta época tem início um estabelecimento de poder de certas famílias em determinadas regiões. Tendo apoio da coroa portuguesa que buscava cada vez mais ocupar “suas” terras antes abandonadas (após a destruição das bases jesuítas pelos bandeirantes que buscavam escravizar os índios agora catequizados) a atividade pastoril cresceu rapidamente. Havia ainda outros dois objetivos implícitos nesta

“ocupação territorial” que a coroa empreendia: um deles era a extinção da “ameaça bugre” e o outro era a abertura de novos caminhos para as missões; graças a estes objetivos em junho de 1810 uma missão atinge os campos de Guarapuava (estes doados as sesmarias), enquanto os índios capturados no processo eram distribuídos para as famílias mais ricas da região. Após 30 anos de ocupação da região as missões partem novamente em busca de novas regiões atingindo os campos de Palmas por volta de 1839. Desta maneira em meados do século XIX finaliza-se a ocupação territorial por atividade pastoril nos campos naturais do interior.

Com o passar dos anos a importância política e estratégica da região cresce bastante devido a acontecimentos que se refletem no cenário nacional (revolução farroupilha 1834-1845 e revolução liberal 1842). Por outro lado a economia não sofre grandes alterações tendo como mudança principal o início da exportação da erva-mate nativa para os mercados da Prata e do Chile. O mercado do mate foi muito forte por um longo período de tempo o qual recebeu grande apoio do governo estadual, e muito dos colonos aproveitam a situação para obter uma renda extra conforme cita Furtado (1964): “...os colonos que se encontravam mais ao interior puderam dividir seu tempo entre a agricultura de subsistência e a extração de folhas de erva-mate aumentando assim substancialmente sua renda.”

Com este interesse crescente na extração da erva mate, o governo chegou a oferecer prêmios para aqueles agricultores que conseguissem descobrir novas formas de manuseio e colheita das folhas de erva mate, também foram favorecidos aqueles colonos que não misturavam a erva-mate com outros tipos de folhas e gravetos (prática muito comum na época); Outro fato de suma importância para a economia do mate foi a reabertura da estrada da graciosa que ligaria a capital a baía de Paranaguá, este ato do governador local curiosamente levou à transferência de “engenhos” de mate localizados no litoral para a capital, onde a distribuição para o mercado de São Paulo era pouco onerosa.

Nesta época aproveitando as revoluções que ocorriam no sul tem início um movimento que buscava a emancipação do estado, este objetivo é atingido em 28 de agosto de 1853 com a aprovação do projeto criou a província do Paraná tendo sua

capital em Curitiba. Em dezembro do mesmo ano chega a capital Zacarias de Góes e Vasconcelos o primeiro governador da província, que logo impõe medidas que buscavam impulsionar a economia com o intuito de conseguir recursos para as ações administrativas. Tais medidas culminaram na transferência de mão de obra e de capital da erva mate para outras áreas da agricultura, entretanto a atividade principal do estado continuava sendo a invernção de gado para São Paulo e Minas Gerais tendo seu ápice por volta do ano de 1860 e só entra em declínio no final do século.

Com o início da decadência do comércio de gado instala-se uma crise em toda sociedade pastoril do Paraná. Paralela a esta crise que levou várias famílias a procurar novas atividades , ocorria uma imigração para a província que buscava o preenchimento dos vazios demográficos este processo passou a ser orientado a partir da metade do século e buscava não somente alocar o imigrante e sim a implementação de uma agricultura que suprisse as necessidades de abastecimento. Com o apoio do governo imperial houve na época grande instalação de núcleos coloniais próximos aos centros urbanos impondo assim uma grande variedade étnica no estado; a construção de estradas de ferro e linhas telegráficas no fim do século XIX aumenta ainda mais a busca por colonos trazidos agora por sociedades de imigração. Outra atividade importante para o Paraná tem início nesta época: a instalação de fazendas de café principalmente no norte do estado (área muito propícia para esta atividade devido a formação do solo conhecido também como terra roxa) por lavradores mineiros e paulistas o que favoreceu em muito a colonização do Norte Paranaense com afirma Monteiro (1972): “ ... como decorrência desta expansão cafeeira, a fronteira agrícola desloca-se e expande-se, iniciando desta forma a efetiva ocupação e colonização do Paraná através do norte...”.

Com o processo de imigração através de companhias ocorre um novo fluxo migratório no estado vindo principalmente do Japão, este fluxo é tão intenso que em 1920 o Paraná ocupa a 13ª população do país e em 1960 já possuiu a 5ª população do país. A partir de 1924 houve um plano conjunto entre a Paraná Plantation Ltda., a Companhia de Terras do Norte do Paraná e a Companhia Ferroviária do Norte do Paraná que buscava a colonização da área tendo como eixo principal a cidade de

Londrina, devido a este processo Londrina sofre um vertiginoso processo de desenvolvimento.

Já na região dos rios Iguazu e Paraná onde a principal atividade continuava sendo a extração de madeira e da erva mate nativa, por volta de 1920 tem início na região um processo de ocupação espontânea por pequenos produtores gaúchos e catarinenses que buscavam terras baratas e de grande produtividade dada a exaustão das terras catarinenses e principalmente gaúchas, normalmente as terras compradas por estes produtores detinham entre 10 alqueires e 24 hectares; segundo Padis (1981) buscavam bens de consumo e recursos financeiros nos centros urbanos mais próximos:

“... esses pequenos produtores vinculam-se a determinados comerciantes regionais atacadistas – via de regra estabelecidos nos centros urbanos maiores – os quais, por vezes exercem durante o período da entressafra funções paralelas às de um banco financiador. Suprindo o pequeno lavrador em suas necessidades, bens de consumo e de recursos financeiros para a formação de lavouras, comprometem a venda da safra. À época da colheita, estes atacadistas, através de pequenas sucursais espalhadas nos diferentes municípios, recolhem o produto e, em seguida realiza-se o aceito de contas. Isto feito, os atacadistas locais remetem o seu produto às grandes firmas que atingem os mercados a consumidores finais...”

Houve ainda o processo de grilagem e de posse em várias regiões do estado entretanto tais processos não tiveram grande força no estado uma vez que a grande parte das terras do estado já estavam ocupadas. Devido a todos estes processos de colonização é possível afirmar que por volta de 1960 o território paranaense está praticamente ocupado.

A partir deste ponto temos o início das interpretações da economia paranaense que correspondem a determinados períodos de tempo, sua base de estudo são as transformações do PIB paranaense e dividem-se inicialmente em 4 visões preliminares: A Utopia, O Pessimismo, A visão Pragmática e por fim a Visão crítica. Como modelos de interpretação mais atuais temos: um quinto modelo o apresentado no ensaio: “Paraná Economia e Sociedade”; e mais três modelos de interpretação idealizadas pelo Economista Gilmar Mendes Lourenço, as quais serão abordadas nos devidos momentos.

Voltando a evolução da economia Paranaense, com o crescimento da economia cafeeira, o Paraná toma o lugar de São Paulo como principal produtor de café do Brasil em 1958 a partir daí a produção paranaense oscila entre 700.000 e 2.500.000 toneladas ano, obtendo uma média de 1.500.000 toneladas ano, houve anos em que a produção

do café foi bastante comprometida pelas geadas, as quais destruíram grande parte da lavoura. Outro produto que começa a ganhar destaque na economia paranaense é a soja tendo grande evolução nas décadas de 1950 e 1960 sendo as principais áreas de cultivo o oeste e o norte do estado (principalmente na região de Cascavel e Maringá); nesta época ganha força também a cultura do milho cultivado principalmente na região norte. Outros produtos ganham força em grau menor a soja e o café, são eles: algodão, feijão, trigo, batata, amendoim, centeio e mamona.

Quanto ao setor pecuário o Paraná consegue grande destaque na criação de gado bovino e gado suíno sendo o gado bovino situado ao norte e o gado suíno situado mais ao centro e ao sul do estado.

O setor industrial paranaense não obtém um grande desenvolvimento na primeira metade do século XX, mantendo sua economia baseada na agricultura e na pecuária; apesar de não conseguir grande desenvolvimento na indústria com alto valor agregado, o Paraná consegue uma tímida industrialização no setor de bens de consumo, principalmente a indústria alimentícia. Nas décadas seguintes (1950 – 1960) o Paraná continua com um processo de desenvolvimento industrial lento voltado para o setor de bens de consumo, com poucas grandes indústrias. Neste ponto se insere a primeira visão da economia paranaense a visão utópica que buscava uma industrialização autônoma baseada na substituição de importações, esta visão cai por terra por não se tratar de um plano de desenvolvimento regional e sim de investimentos diretos em determinados setores que não produziria o encadeamento necessário para o desenvolvimento da região.

A partir de 1970 tem início um processo de industrialização mais forte no estado. Neste ponto cabe uma nova visão para a época que ficou conhecida como visão pessimista (de Pedro Calil Padis) que aponta avanços em certos setores: A transferência dos cafezais para áreas menos propensas a geadas aumentando assim sua produtividade; apontava como solução para indústria o investimento em setores nos quais o estado teria uma vantagem comparativa natural em relação a outros estados como a indústria de papel e de café solúvel; outra solução apontada era tornar a agricultura mais competitiva no mercado nacional e internacional através da criação de

novas técnicas de plantio e de colheita. A visão de Padis é considerada pessimista por não levar em conta políticas de desenvolvimento nacional, tendo como objetivo específico a redução das desigualdades entre as regiões. O que Padis não levava em conta eram as teorias de pólos de desenvolvimento, utilizadas amplamente para descentralizar a indústria nacional (predominantemente localizada na região Sudeste), buscando novas áreas para desenvolvimento e instalação de pólos industriais. Tal processo é observado claramente na década de 70: a quebra do Monopólio da Mercedes-Scania no Brasil, permitindo a implementação do projeto Volvo Brasil, e também da instalação da Refinaria da Petrobrás na região metropolitana de Curitiba. Outro exemplo foi a implementação de um pólo petroquímico no Rio Grande do Sul.

É de suma importância lembrar que os dois primeiros modelos de interpretação valeram-se de um Paraná desarticulado como base de estudo, uma vez que sua economia era praticamente extrativista, pecuarista e cafeeira (ligada mais a economia paulista do que a própria economia paranaense): fragilizando os preços de produtos primários em relação aos produtos externos.

O terceiro modelo de interpretação economia paranaense chamado de “visão realista”, observava um crescimento da economia paranaense associada ou complementando a economia paulista. A visão realista tem início com a agricultura do norte do estado, devido a alta elasticidade dos preços das mercadorias produzidas na região e da sua grande capacidade de modernizar técnicas e da gama de produtos crescente. Outro fator de suma importância para esta visão é a integração viária ocorrida na época que veio favorecer outras regiões como o sudoeste ainda mais a lista de produtos produzidos no estado. Com a interação destes fatores nasce uma agroindústria cujo valor em grande parte está vinculada a indústrias e plantas de grande porte. Nesta época pode-se dizer claramente que a agricultura do norte vinculada a esta nova agroindústria é o motor da economia paranaense.

Em paralelo a estes fatos desenvolvem-se, grupos da indústria metal-mecânica principalmente na região metropolitana (CIC), com este processo de industrialização ocorre uma rápida urbanização do estado, acompanhada da mecanização da agricultura elevando assim as escalas de produção do estado. Esta industrialização entretanto não

ocorreu conforme era previsto pela visão realista que afirmava que o Paraná cresceria associando-se com São Paulo ou complementando suas necessidades, o que ocorreu é que a visão realista provou ser uma reação ao intervencionismo do governo estadual. O ocorrido na verdade é que o governo estadual se espantou com a rápida transformação do estado, levando este a uma revisão de suas atuações; revelando assim que a visão realista tratava-se na verdade de uma visão pragmática.

O quarto modelo de interpretação da economia paranaense, chamado também de visão crítica nasce com a criação do Iparides e ao contrário das “visões” anteriores que baseavam-se em concepção histórica (Utópica e Pessimista) e na observação da realidade local associada a outra economia (visão realista); esta visão busca obter um diagnóstico real da situação paranaense procurando assim falhas no sistema e procurando meios para corrigi-lo. Pode se confundir erroneamente a visão crítica, com a visão utópica pois elas buscam a perfeição do sistema, contudo a grande diferença entre essas visões é que a visão crítica tem limites bem traçados quanto à economia paranaense. Não pode-se confundir também com a visão pessimista pois o dinamismo e as relações de estímulo que a visão crítica recebe do núcleo industrial a diferenciam da visão pessimista. E não pode ser confundida com a visão pragmática uma vez que a economia paranaense não é subordinada a economia paulista e sim recebe estímulos dela e com seu dinamismo integra-se com o mercado nacional de tal forma que chega a competir em muitos casos com a economia paulista e com a economia de outras regiões. Ainda neste aspecto há uma onda de otimismo no mercado devido ao milagre econômico e ao II PND ao contrário do cenário internacional instável na época.

A Quinta visão da economia Paranaense é montada no início dos anos 80 e é publicada no documento: Paraná Economia e Sociedade, esta visão buscava essencialmente através da crítica e da apologia predominantes na década de 70 explicar o dinamismo econômico do estado; observando por este ponto de vista era notório que a subordinação periférica do Paraná restringiram sua economia a estagnação. Esta visão reconhecia a subordinação da economia do norte paranaense à economia paulista integrando assim um núcleo dinâmico mais abrangente da economia nacional; também entendia que o boom de industrialização era associado as medidas

estatais e ao grande dinamismo do setor agrário, contudo fazia ressalvas em relação ao baixo aproveitamento do crescimento da época para inserção de políticas sociais que corrigisse as distorções existentes na época.

A Sexta visão retratou a estagnação econômica sofrida pelo país nos anos 80 regionalmente ou seja, tentou explicar a realidade do estado através dos fatores que levaram a esta estagnação: falência do estado, desequilíbrio das contas externas e falta de recursos internacionais – depois da grande crise mexicana –, inviabilidade de investimentos de longo prazo, deficiência da evolução tecnológica e queda do poder aquisitivo dos salários. Neste período a economia paranaense experimentou moderado dinamismo, devido a melhorias em setores específicos tais como o avanço da agroindústria, de alguns ramos da metal-mecânica e uma melhoria das indústrias existentes desde a instalação da CIC.

A sétima visão da economia paranaense compreende a época da travessia para a globalização econômica (primeira metade da década de 90), neste período o Paraná experimenta um período instável em sua economia, devido a contração econômica nacional no final do governo Sarney, contração esta que se aprofundou no governo Collor. Esta visão teve seu ponto alto no surgimento de alguns fatores de natureza estrutural que potencializavam as chances de uma alteração rápida no perfil tecnológico estadual. Tais fatores eram: início de uma nova mentalidade da iniciativa privada, que buscou ajustes tecnológicos com intuito de atingir novos padrões de produtividade e qualidade; os resultados iniciais da implementação do Mercosul, além de uma nova dinâmica da integração do estado com outros países; e por fim algumas medidas implementadas pelo governo estadual, na ampliação restauração e aprimoramento da infra-estrutura do estado.

Finalmente a oitava visão da economia paranaense, marca o período da segunda metade da década de 90, quando o Paraná passa por um processo semelhante ao ocorrido em 1970, esta visão trata-se de um revigoramento da vontade de se industrializar, processo este interrompido por quase quinze anos devido a conjuntura macroeconômica desfavorável. Como afirma Lourenço (2003):

“É interessante sublinhar que até 1995, o Estado do Paraná apresentava uma estrutura produtiva sustentada nas etapas iniciais e intermediárias do complexo agroindustrial,

configurando um processo permanente de transferência de potencial de agregação de valor, geração de empregos, exportação e arrecadação tributária para fora de suas fronteiras. Essa restrição crônica impunha à base econômica estadual uma forte dependência das condições climáticas, do comportamento dos mercados mundiais de *commodities* e da política agrícola deficiente do governo federal.”

O Paraná passa por um processo de mudança na sua economia, uma vez que seu papel na economia nacional era de produtor de bens primários e consumidor de insumos de indústria e de bens de consumo. Devido a estes fatores o desejo de uma independência econômica de São Paulo sempre foi muito forte a ponto de ser interpretado erroneamente em alguns casos como sinônimo de desenvolvimento. Quanto a idéia de desenvolvimento da economia paranaense Lourenço afirma que o Paraná “ingressou em uma nova fase nos anos 90”, tal afirmação baseia-se na evolução que a economia Paranaense teve como um todo. Desde a década de 60 quando o café era a “menina dos olhos” da economia e inicia-se um processo de montagem de infraestrutura, ao passar pela década de 70 quando inicia-se um processo de industrialização, de modernização agrícola e agroindustrial. Chegando aos anos 80 houve uma estagnação da economia nacional muito prejudicial ao crescimento da economia paranaense.

Ao observarmos, estas oito interpretações percebemos o quão é complexo um estudo da evolução da economia paranaense, a idéia inicial desta monografia é criar uma visão própria da economia paranaense através do estudo do PIB paranaense e suas evoluções; associado a esta evolução podemos citar a instalação da CIC (ocorrida em 1970) e a instalação das montadoras de automóveis ocorridas na década de 90.

Nos próximos capítulos desta monografia será demonstrada uma análise sobre dados referentes ao PIB paranaense, as exportações, ao setor da indústria, além das mudanças estruturais da economia paranaense.

3. Evolução do Produto Paranaense.

Ao iniciar um estudo da economia paranaense é necessário definir os parâmetros e variáveis a serem estudadas, para que os caminhos a serem trilhados não sejam desvirtuados, desta forma podemos seguir uma trilha de pensamento que explique a conjuntura da economia paranaense no período estudado. Para tal definimos como período estudado o início da industrialização paranaense até o final da década de 90, nos dando assim um período de 1970 a 2000. As variáveis a serem estudadas são PIB paranaense, o PIB per capita, o PIB do setor industrial, as exportações paranaenses e a capacidade energética do estado. Estas variáveis podem demonstrar através do seu crescimento as mudanças na economia paranaense. Para se calcular a evolução das variáveis é necessário dividir o período estudado de acordo com a conjuntura política e econômica de cada época ou seja, levar em consideração todos os fatores que poderiam interferir no desempenho da economia paranaense. Para tal será utilizada a seguinte notação

$$Txs = \text{Ln}(\text{Ano2}/\text{Ano1}) * \frac{1}{N} * 100$$

Onde:

Txs : é a taxa de evolução dos dados no período em questão.

Ano 1: é o primeiro dado do período estudado.

Ano 2: é o último dado do período estudado.

Ln : é o logaritmo neperiano da divisão do último dado do período dividido pelo primeiro dado do período.

N: é o número de dados constantes no período.

O resultado obtido é multiplicado por 100 a fim de transformar o resultado em percentual.

Para se realizar este estudo dividiremos o período estudado da seguinte forma:

- a) 1970 a 1984 : Nesta época temos o regime ditatorial militar no país, o milagre econômico e o II PND , quando houve fluxos de investimentos governamentais, observar-se-á como se comportou a economia paranaense neste período.
- b) 1985 a 1993 : Uma época de transição política, onde foram implementados vários planos econômicos (em âmbito macroeconômico) sem grandes resultados positivos, veremos como a economia paranaense se comporta, com uma conjuntura incerta aliada a um processo inflacionário.
- c) 1994 a 1998 : Inicia-se neste período com a implementação do plano Real, um processo de estabilização da inflação aliada a um regime de câmbio fixo apoiado nas reservas internacionais do país; inicia-se um processo de privatização de empresas estatais com o intuito de fortalecer os investimentos nestas empresas e em alguns casos quebrando monopólios trazendo assim grande fluxo de investimento para o país; quanto ao Paraná nesta época há uma forte atração de empresas iniciando um novo “boom” de industrialização no estado.
- d) 1999 a 2000: Neste período precisamente em 1998 inicia-se a maxi-desvalorização sofrida pelo Real frente ao dólar, uma vez que as tabelas trabalhadas estão em dólar faz-se necessária esta divisão a fim de que o estudo não fique comprometido.

Apesar de serem utilizados métodos diferentes para cálculo do PIB entre o primeiro período e os demais, tal problema é ignorado neste estudo uma vez que seriam necessários dados inacessíveis, para a correção destes cálculos. Com esta divisão podemos vislumbrar a real capacidade da economia paranaense sejam de características próprias ou de adaptação a novas realidades.

3.1 Evolução do PIB Paranaense.

Após calculados (os cálculos e os respectivos dados referentes a cada um pode ser vislumbrado nos anexos) a taxa de evolução do PIB paranaense chegamos a seguinte tabela 9 :

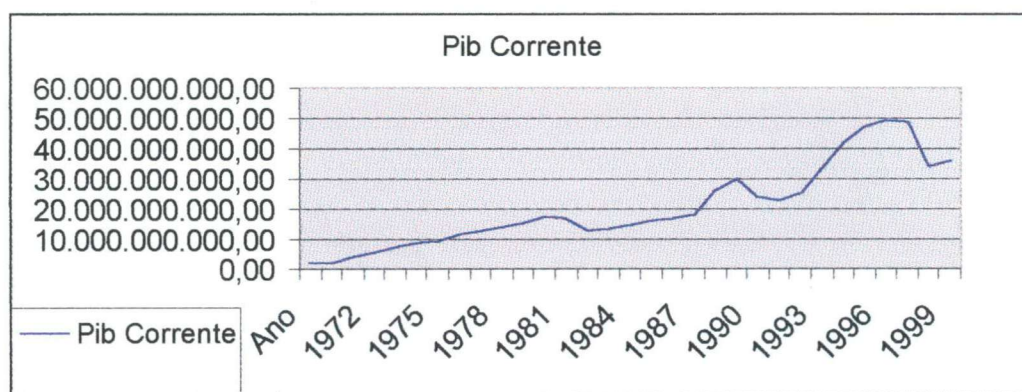
TABELA 9 – Taxa de evolução por período

Período	(em %)				
	PIB	PIB per capita	PIB Agricultura	PIB Indústria	PIB Serviços
1974-1984	12,53	10,47	10,83	13,40	12,85
1985-1993	6,18	5,03	1,52	10,76	4,91
1994-1998	7,80	8,01	8,58	6,58	8,56
1999-2000	2,93	2,51	1,31	4,85	1,71

Fonte: Cálculos nos anexos.

Ao analisar a evolução do PIB Paranaense nos períodos, podemos avaliar claramente a tendência de crescimento que este vem acumulando mesmo aos disparates da economia nacional. O gráfico 3.1 demonstra a dinâmica do crescimento do PIB paranaense no decorrer do período estudado:

GRÁFICO 3.1 – EVOLUÇÃO DO PIB CORRENTE PARANAENSE PERÍODO DE REFERÊNCIA 1970 – 2000.



FONTE: IPARDES

NOTA: Dados trabalhados pelo autor

Iniciando a análise com o primeiro período, que data de um regime ditatorial militar em âmbito nacional, que proporcionou medidas que deram origem ao milagre

econômico e ao II PND, aproveitando esta conjuntura há um movimento do Paraná em busca da industrialização que buscava quebrar o paradigma cepalino de substituição de importações, acompanhando este processo que se propagava no país, conforme cita José Serra (1990) “A partir de 1970, no entanto, a produção nacional cresceu a taxas tão elevadas quanto as importações correspondentes.”

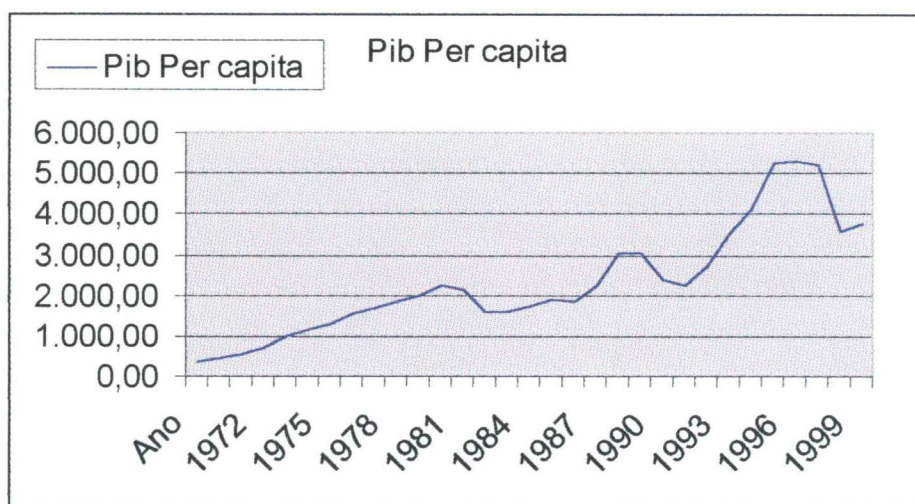
Outro fator que contribuiu para a industrialização do Paraná foi a conjuntura internacional da época, muito favorável ao comércio internacional, ainda neste aspecto Serra afirma: “ A disponibilidade abundante de divisas, proporcionada, como já mencionamos pelo crescimento das exportações e das facilidades do endividamento externo. A vigorosa expansão das importações deveu-se ao dinamismo da demanda mundial, à relativa diversificação do parque industrial bem como à oferta diversificada de produtos primários exportáveis.” Isto explica também o crescimento da agricultura, que aproveitando o processo de dinamização pelo qual a economia paranaense passava tornava-se cada vez mais competitiva conforme cita Lourenço (2000):

“...fatores influenciaram decisivamente o forte dinamismo e a profunda diversificação experimentada pelo aparelho produtivo estadual naquele período, com destaque para a ascensão da taxa de investimento na economia brasileira, a existência de uma agricultura com enorme capacidade de resposta aos estímulos modernizantes embutidos nas políticas de crédito agrícola pós-1966 e, principalmente, o programa de atração de indústrias executado pelo governo estadual entre 1975 e 1978.”

É possível chegar a conclusão que o PIB paranaense tem uma tendência natural de crescimento, salvos casos onde aspectos macroeconômicos impediam o crescimento deste, como por exemplo entre 1990 e 1993 quando o governo federal implantou o plano Collor, que praticamente travou toda dinâmica de investimentos da economia nacional, e o período de 1998 – 1999 quando houve uma grande desvalorização do Real perante o Dólar, neste caso a queda do PIB foi simplesmente nominal ou seja apenas em questão de câmbio, em termos reais o PIB paranaense na época obteve crescimento.

O PIB Per capita não acompanhou o crescimento do PIB paranaense devido a migração de novos trabalhadores para o estado e devido a taxa de natalidade, o gráfico 3.2 demonstra o comportamento do PIB per capita paranaense.

GRÁFICO 3.2 – EVOLUÇÃO DO PIB PERCAPITA PARANAENSE
PERÍODO DE REFERÊNCIA 1970 – 2000.



FONTE: IPARDES

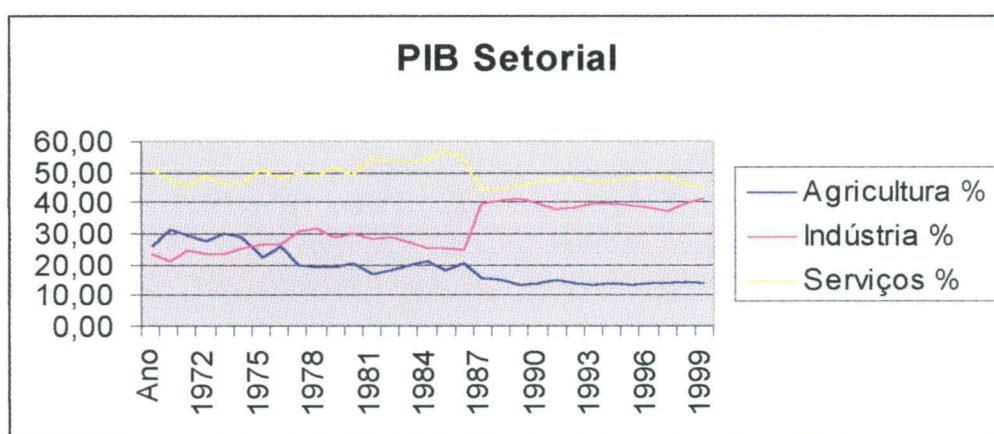
NOTA: Dados trabalhados pelo autor

Apesar da dinâmica entre o PIB per capita e o PIB serem muito parecidas o que ocorre na realidade é um crescimento superior do PIB, fato mais que normal em uma economia cada vez mais industrial, onde há fluxo migratório e aumento de população. O PIB per capita não acompanha o crescimento do PIB paranaense uma vez que a esta dinâmica populacional, impedem seu crescimento; outro fator foi a urbanização ocorrida em decorrência da mecanização da agricultura, uma vez que muitos moradores do setor agrário perderam seus empregos e viram-se obrigados a mudarem para as cidades.

Analisando a evolução dos setores observamos que o PIB industrial cresceu sempre a taxas mais elevadas que os outros setores, com exceção do período de 1994 a 1998 quando a agricultura e o setor de serviços tem um crescimento maior, talvez isto possa ser explicado pelo fato de neste período ocorrer um novo processo de industrialização, que culminou em um grande volume de investimentos voltados para construção de fábricas e convergindo em parte para a mecanização da agricultura no estado, estes investimentos influenciaram o crescimento mais acentuado destes setores na época. Quanto aos setores de produção podemos concluir que a maior evolução foi do setor industrial, uma vez que o estado sofreu dois processos de industrialização, o

que comprova a capacidade industrial do estado, em contrapartida o setor primário ou agropecuário foi aquele que mais sofreu declínio, este declínio não significa que o volume de produção caiu, na verdade o que ocorre é justamente o contrário há um crescimento do setor primário paranaense em quantidade produzida e em valor de produção, todavia o setor industrial teve seu crescimento baseado no fato de tratar-se de um setor com maior valor agregado. Esta dinâmica setorial do PIB paranaense pode ser visualizada através do gráfico 3.3.

GRÁFICO 3.3 – EVOLUÇÃO DO PIB SETORIAL PARANAENSE
PERÍODO DE REFERÊNCIA 1970 – 2000.



FONTE: IPARDES

NOTA: Dados trabalhados pelo autor

A capacidade industrial paranaense requer um tratamento diferenciado através de um estudo exclusivo deste setor realizado no capítulo 5 desta monografia.

4. Evolução das Exportações Paranaenses.

As Exportações tem papel de destaque, na economia paranaense entretanto sempre coube ao Paraná, um papel de estado agro-exportador ou seja, com sua produção basicamente voltada para produtos primários com grande mercado externo demandante, todavia com os processos de industrialização sofridos pelo estado, este cenário passa por alterações. Para se analisar as exportações, faz-se necessário dividi-las em categorias de acordo com o seu valor agregado e seu processo produtivo; seriam elas:

Bens Básicos: - São bens puramente do setor primário também conhecidos como commodities, sem valor agregado ou seja, não passa por transformações antes de ser exportado, como por exemplo: soja, algodão, carne suína.

Bens Semi-Manufaturados: - São bens que já recebem algum tipo de processo antes de ser exportado, sofrem algum tipo de transformação que lhe agrega valor, e que ainda necessitam de outros processos para chegar a ser produto acabado, como por exemplo: farelo de soja e suco de laranja.

Bens Manufaturados: - São bens já acabados, já sofreram processos de transformação que os deixaram como bens prontos para o consumo, são bens que tem um valor agregado alto, e provém principalmente do setor industrial, como por exemplo: automóveis e tratores.

Ao analisarmos as exportações paranaenses, percebemos um declínio da quantidade exportada de bens primários e de bens com pouco valor agregado, enquanto os bens com alto valor agregado vem ganhando cada vez mais espaço nas exportações paranaenses. A tabela 14 demonstra a evolução das exportações conforme os períodos pré-definidos.

TABELA 14 – Evolução das exportações por período
(em %)

Período	Básicos	Semi-Manufaturados	Manufaturados
1970-1984	9,30	8,94	20,14
1985-1993	1,27	4,25	6,29
1994-2000	0,18	0,29	4,85

Fonte: Cálculos nos anexos.

Analisando a tabela 14 podemos vislumbrar claramente o avanço da economia paranaense através do valor agregado de suas exportações, uma vez que há um nítido crescimento do montante de bens manufaturados que foram exportados, em relação aos bens semi-manufaturados e básicos, ou seja os bens com maior valor agregado tiveram um crescimento de exportações muito maior que bens básicos e semi-manufaturados. Isto deve-se inicialmente a implementação da Cidade Industrial de Curitiba nos anos 70. Ao vislumbrarmos o período de 1970 a 1984 percebe-se um crescimento das exportações de bens manufaturados uma vez que há uma nova gama de bens que o estado passa a exportar principalmente no setor da metal-mecânica, por outro lado os bens básicos sofrem um aumento devido a mecanização da agricultura muito difundida na época ou seja, a capacidade de exportar bens primários aumentou. Já as exportações de bens semi-manufaturados obtiveram um crescimento pelo fato da Paraná iniciar um processo que visava aumentar o valor de seus bens primários uma vez que ao transforma-los em bens intermediários era mais rentável, nesta época o Paraná começa a vender farelo de soja ao invés de grão de soja e suco de laranja ao invés de laranjas.

Um fator que contribuiu muito para as exportações paranaenses foi a desvalorização da moeda nacional ocorrida neste período; já no período de 1985 a 1993 quando a inflação era o predominante problema da economia nacional, o Paraná consegue manter um certo crescimento de suas exportações em bens primários a verdade é que nesta época temos dois grandes fracassos em colheitas devido ao clima; já os bens semi-manufaturados por sua vez obtiveram um desempenho um pouco melhor que os bens primários o que já demonstra certa mudança nas exportações paranaenses.

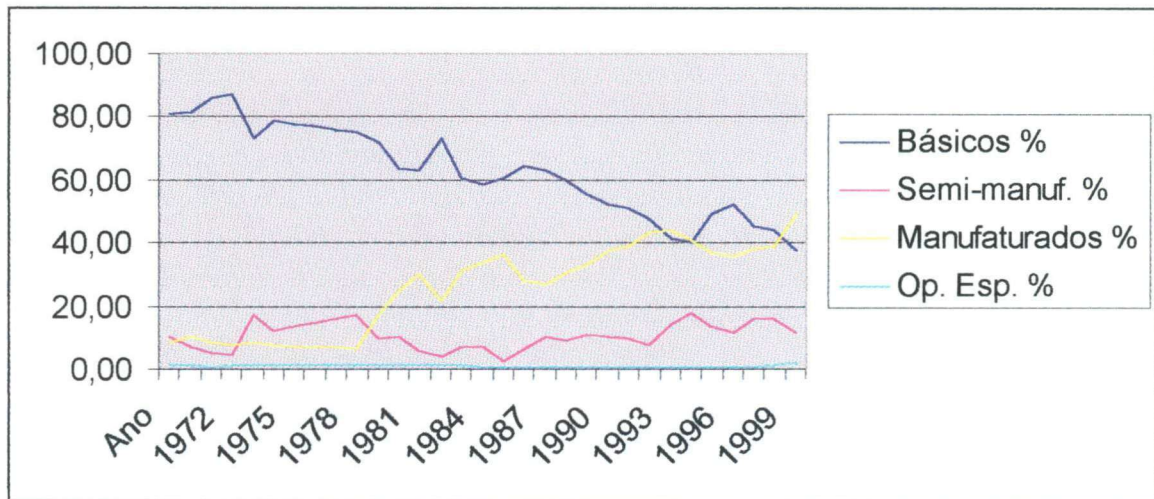
Os bens manufaturados por sua vez obtiveram um resultado bem superior o que leva a conclusão que o Paraná realmente iniciou um processo de mudança de estado agro-exportador para um estado industrial exportador. No período de 1994 a 1998 o processo de exportação de bens industriais do estado sofre com as políticas cambiais adotadas pelo governo federal que mantinha o câmbio praticamente fixo, nesta mesma época há a instalação de um novo parque industrial automotivo no Paraná, todavia as

exportações de bens industriais não crescem da maneira que se espera, talvez pelo fato de que para que a instalação deste novo parque necessite de que exista muita importação de insumos e tecnologia por parte das empresas a fim de atender este novo mercado aberto, ou seja é necessária uma preparação para a instalação deste parque e esta preparação requer certos sacrifícios, outro fator que prejudica as exportações de bens industriais paranaenses são os preços elevados uma vez que com a política cambial que mantinha o Real quase no mesmo nível do Dólar fazia que os produtos brasileiros em geral perdessem competitividade.

Os produtos básicos e semi-manufaturados por sua vez obtiveram crescimento mais acelerado por servirem de insumos para outros setores, o que nos leva a conclusão que se o Paraná não conseguiu um crescimento de sua indústria na época pelo menos conseguiu manter-se como um grande fornecedor de insumos para a indústria de outros países. No período de 1999 – 2000 houve crescimento das exportações paranaenses tanto no setor de bens primários como no setor de bens industriais, uma vez que a maxi-desvalorização do Real frente ao Dólar deixou os bens brasileiros, com um preço bem mais competitivo no mercado internacional. O que ocorre na realidade é que devido aos investimentos ocorridos no setor industrial, começam a demonstrar uma queda da quantidade exportada de bens básicos e uma queda mais acentuada dos bens semi-manufaturados, convergindo para um aumento assombroso das exportações de bens manufaturados. Este processo tem por explicação o fato de que a indústria paranaense obteve um avanço na sua capacidade de agregar valor aos seus produtos ou seja, a indústria passa a contar com produtos cada vez mais elaborados (e conseqüentemente com valor de acumulação cada vez mais alto) colaborando para que os preços destes produtos tanto no mercado local como no mercado internacional sejam mais altos do que os bens anteriormente exportados (basicamente bens agrícolas ou com pouco valor agregado) .

O gráfico 4.1 demonstra o desempenho percentual das exportações paranaenses no decorrer do período estudado.

GRÁFICO 4.1 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES
PERÍODO DE REFERÊNCIA 1970 – 2000.



FONTE: IPARDES

NOTA: Dados trabalhados pelo autor

Através da interpretação pura do gráfico percebemos a mudança na estrutura do setor exportador paranaense, que inicialmente começa tendo nos bens básicos seu principal gênero exportador, e com o decorrer dos processos de industrialização do estado, ocorre a mudança de principal gênero exportado para os bens manufaturados. Tal mudança é reflexo da nova estrutura industrial do Paraná que expandiu-se de forma vertiginosa, esta expansão da indústria de transformação é o assunto do próximo capítulo desta monografia.

Apesar desta mudança da estrutura industrial do Paraná, bens como a soja e outras commodities, possuem papel de extrema importância na balança comercial paranaense uma vez que o preço da soja brasileira em geral é cada vez mais atrativo para mercados internacionais devido a taxa de câmbio e as metas pretendidas de superávits do governo nacional.

5. Crescimento e mudanças do setor industrial paranaense.

O setor industrial paranaense desde 1970 vem sofrendo grandes mudanças em seu setor de transformação (o setor de indústria extrativa não sofre grandes alterações sendo ignoradas neste estudo), tal fenômeno pode ser claramente observada no gráfico 5.2 (a seguir). As mudanças são explicadas a partir de 1970 com a implementação da CIC (a qual já foi anteriormente explicada), contudo os impactos ficaram claros a partir de 1980 com o efetivo funcionamento de novos ramos da indústria de transformação paranaense (Material de transportes, Química, novas empresas produtoras de material elétrico, e de comunicações); apesar destes novos ramos da indústria é válido salientar que os setores tradicionais (atividades relacionadas a baixa elaboração de valor agregado) continuaram tendo grande importância na economia paranaense. Outro fator que favorece a evolução da economia paranaense, é o crescimento das relações interindustriais ou seja, as empresas paranaenses passam a negociar mais entre si fazendo com que a “dependência” da economia paulista quanto a necessidade de matérias primas caia vertiginosamente, fortalecendo desta forma a economia interna.

Após 1980 quando o Paraná já possuía uma planta industrial bem instalada principalmente na RMC, houve um grande crescimento de instituições de ensino superior e universidades que viriam a preparar profissionais qualificados a fim de suprir a demanda por mão de obra destas novas indústrias, entretanto tal fato não ocorreu da maneira esperada conforme cita Farah Jr (2004):

“... o Paraná já dispunha de um razoável conjunto de instituições de C & T, Universidades e Instituições de ensino superior, que, embora pudesse Ter auxiliado no aumento da capacidade tecnológica e produtiva local, quando o fez, isto ocorreu de maneira difusa e diluída, gerando os links em todo o tecido produtivo.”

Outro fator que ajuda na explicação do desenvolvimento falho de tecnologia no estado deve-se ao fato de que as grandes empresas paranaenses ter cunho familiar, ocorrendo desta forma pouco interesse da classe patronal. Este conceito pode ser aplicado também ao setor rural que não conseguiu quebrar o paradigma de que o estado é puramente produtor de matérias primas.

Já na década de 90 a indústria paranaense através de várias vantagens de quanto a localização e benefícios fiscais oferecidos pelo governo, o estado sofre um segundo processo de transformação da indústria paranaense. Este processo ocorre com a instalação de novas empresas do pólo automotivo. Pode se dizer que vários fatores contribuíram para a opção pelo Paraná por parte das montadoras dentre os quais se destacavam:

- a) localização privilegiada quanto a acesso a mercados consumidores e fornecedores de bens e serviços, bem como a proximidade do mercosul;
- b) O parque industrial já instalado já tratava-se já possuía em baixa escala tradição no fornecimento de matérias primas;
- c) Estrutura produtiva com grande capacidade de desenvolvimento e uma situação sindical flexível;
- d) Existência de novos projetos estaduais com intuito de buscar inovações (Tecpar, Sebrae-PR, LAC);
- e) Elevada qualidade de vida em Curitiba com alto IDH; e
- f) Infra-estrutura capaz de suprir as necessidades deste processo (Capacidade energética, telecomunicações e transporte).

Destes fatores podemos salientar como principal a capacidade energética do estado tema este abordado no próximo tópico.

Com o intuito de facilitar a compreensão da evolução industrial paranaense é necessária uma divisão, entre indústrias tomadoras de tecnologia e indústrias criadoras de tecnologia.

- Indústria Pesada – neste estudo define-se com o tipo de indústria que cria tecnologia a ser utilizada em outros setores da indústria alguns exemplos são: Mecânica, Material Elétrico e de Comunicação, Material de Transporte, e indústria Química.
- Indústria Leve – neste estudo define-se como o tipo de indústria que não cria tecnologia, apenas a incorpora em seu quadro geral a fim de melhorar sua produtividade, alguns setores que se enquadram nesta categoria são: vestuário,

alimentícia, de papel e papelão, madeira, mobiliária, borracha, couros e peles, perfumaria dentre outros.

5.1 Evolução da capacidade Energética Paranaense.

A capacidade energética do Paraná (considerando apenas energia hidrelétrica) sofre profundas transformações, uma vez que há grandes investimentos em usinas no Paraná a partir dos anos 80 principalmente com a instalação da Itaipu binacional e o término da usina de Salto Segredo. Esta evolução pode ser notada com a tabela 15.

TABELA 15 – Evolução da Capacidade Energética Paranaense

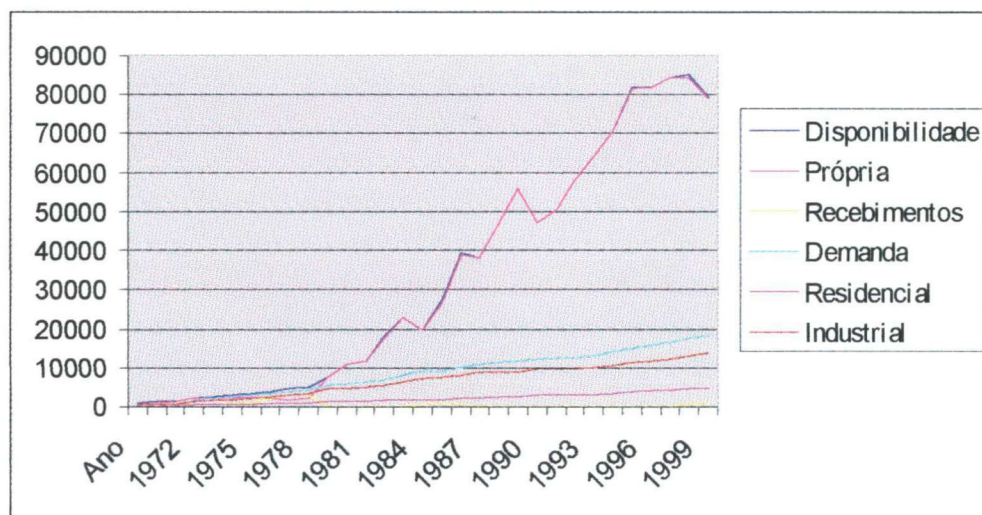
							(KW/h)
Ano	Disponibilidade	Própria	Recebimentos	Demanda	Resid.	Indust.	Aumento % Oferta
1970	721	480	241	346	93	253	0
1971	1210	1001	209	410	109	301	67,82%
1972	1412	1169	243	521	129	392	16,69%
1973	2143	1868	275	1467	363	1104	51,77%
1974	2640	2033	607	2004	478	1526	23,19%
1975	2876	2014	862	2335	538	1797	8,94%
1976	3288	2657	631	2699	617	2082	14,33%
1977	3881	1980	1901	3217	706	2511	18,04%
1978	4511	1459	3052	3568	785	2783	16,23%
1979	4946	1884	3062	4109	889	3220	9,64%
1980	7504	7431	73	5400	1049	4351	51,72%
1981	10823	10741	82	5798	1175	4623	44,23%
1982	11634	11538	96	6217	1288	4929	7,49%
1983	17568	17478	90	6678	1449	5229	51,01%
1984	22642	22529	113	7803	1540	6263	28,88%
1985	19505	19240	265	8884	1665	7219	-13,85%
1986	27360	26420	940	9073	1742	7331	40,27%
1987	39344	38815	529	9973	1969	8004	44,90%
1988	37980	37859	121	10680	2131	8549	-4,20%
1989	46802	46723	79	11084	2306	8778	23,23%
1990	55791	55713	78	11403	2533	8870	19,21%
1991	47089	47012	77	12082	2729	9353	-15,60%
1992	50328	50250	78	12267	2803	9464	68,80%
1993	57918	57839	79	12395	2942	9453	15,08%
1994	64141	64059	82	12916	3083	9833	10,74%
1995	70697	70614	83	13980	3497	10483	10,22%
1996	81573	81478	95	14851	3894	10957	15,38%
1997	81788	81687	101	15608	4071	11537	0,26%
1998	84252	84148	104	16437	4314	12123	3,01%
1999	84909	84421	488	17174	4438	12736	0,78%
2000	79156	78652	504	18146	4582	13564	-6,78%

Fonte: Anuário Estatístico Copei 1980 – 1990 – 2000.

O gráfico 5.1 demonstra claramente a evolução da capacidade energética paranaense desde 1970 até o ano 2000.

GRÁFICO 5.1 – CAPACIDADE ENERGÉTICA PARANAENSE
PERÍODO DE REFERÊNCIA 1970 – 2000.

KW/h



FONTE: IPARDES

NOTA: Dados trabalhados pelo autor

Ao analisarmos o gráfico 5.1 nota-se claramente que a capacidade de geração do estado de eletricidade (por meio de hidrelétricas) quase se confunde com a oferta de energia, o que significa que o estado não necessita de grandes recebimentos de energia a fim de cobrir sua demanda, que por sua vez é muito inferior a sua oferta desta forma o estado transforma-se em grande produtor e exportador de energia para outros estados, contudo o Paraná não possui grandes benefícios em possuir uma geração de energia tão grande como afirma Lourenço (2003):

“... a disposição de crescimento e diversificação industrial do estado foi também atrapalhada por um dispositivo constitucional que isentou as vendas interestaduais de energia do recolhimento do ICMS desde 1989, permitindo a cobrança no destino. Assim, a operação interligada do sistema elétrico brasileiro impôs a transferência, para outros estados, de parcela expressiva de energia elétrica gerada em território paranaense, a um preço de comercialização equivalente a um quarto daquele praticado nos grandes centros consumidores e, o que é pior, sem o fato gerador de receita tributária de origem.”

Observamos desta forma que o estado é auto-suficiente em termos de energia elétrica, entretanto é mais rentável para o estado consumir a energia que produz com novas indústrias, do que “vender” esta energia excedente para outros estados; nota-se ainda que a capacidade energética do estado foi um grande incentivo para a instalação de indústrias, visto que no início dos anos 70 o consumo residencial era superior ao

consumo industrial, e a partir da instalação do parque industrial paranaense em 1971 e 1972 esta situação já começa a se inverter, demonstrando claramente as vantagens para as indústrias instalarem-se no Paraná, do ponto de vista da oferta de energia.

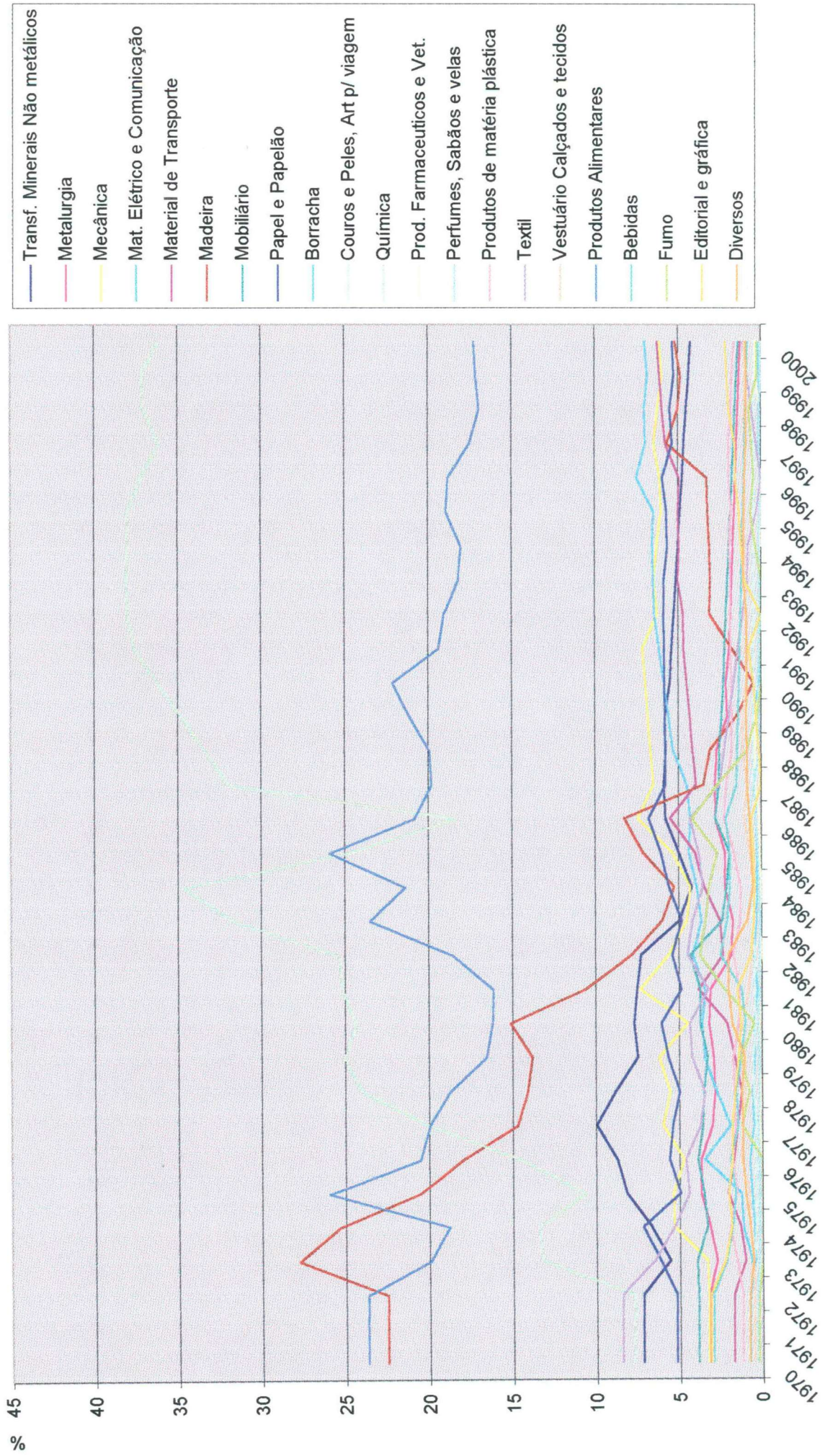
5.2 A Evolução da Indústria Paranaense.

A indústria paranaense sofre uma evolução bem característica de plantas industriais com grande investimento e implementação de novas tecnologias que deram um salto na capacidade produtiva e no valor agregado da indústria. A indústria de transformação paranaense na maioria do período estudado apresenta crescimento crescente nos setores com maior tecnologia, onde conseqüentemente o valor agregado é maior.

Ao vislumbrarmos esta evolução da indústria ocorre toda uma mudança na própria estrutura industrial paranaense, anteriormente voltada a bens de consumo e bens com baixo valor agregado passa a possuir toda uma gama de bens com alto valor agregado além de um fortalecimento das relações interindustriais tornando o Paraná cada vez menos dependente e menos periférica da economia paulista. Esta quebra nos remete a questão da economia paranaense ser interpretada sob a ótica de uma visão pessimista que visualizava que o Paraná não obteria crescimento se não fosse da forma subordinada a economia paulista, com esta transformação percebemos que tal visão é completamente descartada e não serve para qualquer interpretação da conjuntura econômica paranaense atual. Ainda na questão da transformação estrutural da indústria nota-se que ela não é um processo rápido e ocorre de forma gradual e lenta, apesar de parecer que este processo ocorreu na última década a realidade é que este processo vem acontecendo desde 1970 com a instalação da CIC, contudo a realidade não transpareceu da correta devido as incertezas e mudanças na economia nacional e internacional. Com o Plano Real e a estabilização da inflação brasileira este processo ficou evidente e claro, o que pode ter dado uma impressão errada de que a economia do estado em certo governo ou apenas em certo período cresceu de maneira espantosa, mas a verdade é que o dinamismo sempre presente na economia paranaense favorece muito a instalação de novos projetos e conseqüentemente de recursos.

Estas transformações e a evolução da indústria segundo o setor de produção podem ser visualizadas no gráfico 5.2

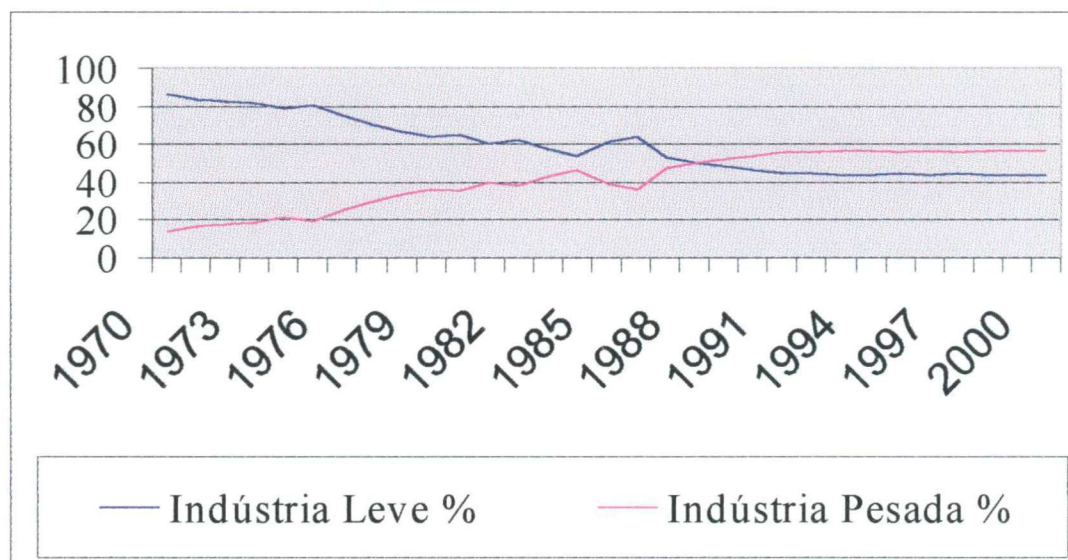
GRAFICO 5.2 - A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA PARANAENSE POR SEI OR DE PRODUÇÃO



Ao vislumbrarmos o gráfico percebemos uma evidente evolução, principalmente das indústrias que desenvolvem tecnologia, desta forma podemos notar que a estrutura da indústria paranaense que em 1970 era principalmente de bens com médio valor agregado passa gradualmente a bens com maior valor agregado.

O gráfico 5.3 demonstra esta mudança na estrutura industrial permitindo observar-se qual foi o momento desta mudança.

GRÁFICO 5.3 – EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA PARANAENSE
PERÍODO DE REFERÊNCIA 1970 – 2000.



FONTE: IparDES

NOTA: Dados trabalhados pelo autor

Este gráfico demonstra claramente **o momento da mudança estrutural** da economia paranaense, que ocorre de 1988 para 1989, isto nos remete a seguinte questão: A Economia Paranaense não sofreu esta mudança estrutural apenas com a instalação do parque automotivo a partir de 1994? Como é possível que a estrutura da economia tenha se alterado antes desta “Segunda revolução industrial paranaense?” É possível uma vez que a transformação da estrutura industrial criara condições para que existisse esta nova industrialização paranaense ou seja, a economia paranaense devido a sua grande capacidade de adaptação as crises, e devido a sua grande dinamização e capacidade de encadeamento industrial criou condições favoráveis a instalação de novas indústrias. Ressalta-se também o aspecto governamental que através de

incentivos fiscais teve papel importantíssimo neste processo. É válido salientar que os benefícios que o governo estadual promoveu não foi apenas benefícios de ordem fiscal, houve todo um processo de reestruturação da malha rodoviária e ferroviária (iniciada no governo Álvaro Dias), bem como a modernização do Porto de Paranaguá que proporcionou aumento da capacidade de exportação e melhoria nos serviços portuários do estado. Pode se dizer que a industrialização é um processo que acompanhou as melhorias infra-estruturais ocorridas no estado, um bom exemplo é o fato dos dois períodos de forte industrialização do estado terem ocorrido logo após melhorias na infra-estrutura local; a primeira logo após os pesados investimentos do regime militar (II PND) que possibilitou a instalação das diversas agroindústrias no interior do estado, bem como a integração estadual e por fim a própria CIC; e a outra inicia-se com a instalação da Itaipu passando pela integração e melhoria de todo anel viário e a modernização do porto de Paranaguá.

Outra característica que levou o Paraná a esta mudança na estrutura industrial sem dúvida foi seu dinamismo e capacidade de adaptação, uma vez que ao passar por um período de 31 anos percebe-se que o estado evolui muito, mesmo com governantes que nem sempre tinham o apoio de seus antecessores, isto é as mudanças implementadas na economia paranaense surtiram efeito independente do partido político ou da ideologia que cada um utilizava para manter seu governo que estava a frente do Estado.

6. Uma nova proposta de interpretação da economia paranaense.

Ao analisar a economia paranaense através dos modelos de interpretação mais antigas (Utópica, Pessimista, Pragmática, Visão Crítica e Visão do “Paraná Economia e Sociedade”) nota-se que em todas elas existem espaços em branco, por se tratarem de visões restritas a conjuntura da época ou seja, não levavam em conta as possibilidades de avanço que o estado possuía uma vez que era impossível mensurar os grandes avanços tecnológicos pelo qual a economia passaria. Apesar disto não pode-se tirar todo mérito destas visões por tratarem-se de estudos preliminares de uma economia ainda em formação e com rumo não muito definido. O fato é que tais estudos formam a base para uma compreensão sensata da formação econômica do estado. É correto afirmar que estas visões realmente interpretaram a economia de cada respectiva época.

Por outro lado as visões do Economista Gilmar Mendes Lourenço buscaram interpretar a economia paranaense de acordo com a conjuntura da época e com alguma perspectivas para o futuro, entretanto o que não pode ser levado em conta por economista nenhum, são as abruptas crises internacionais que transformam a conjuntura econômica de uma hora pra a outra, de forma a não existir um perfeito modelo de interpretação.

Paralelo a estes fatores exógenos que impedem uma perfeita interpretação da economia paranaense pode-se chegar a um modelo de interpretação que leve em conta aspectos existentes na economia paranaense e os desenvolva a fim de que a economia possa adaptar-se as tempestades do mercado internacional.

Essas características são:

- *A Base Econômica do Estado* – A mudança da base econômica do estado que voltaram investimentos a três setores muito bem articulados: o de retaguarda (voltados ao aumento de sua competitividade), o operativo (composto por cinco sub-setores: pólo automotivo, o agronegócio, o complexo papel-madeira, a frente internacional e as vocações regionais) e o setor de vanguarda

(responsável por aumento da base científica e tecnológica que busca inovações em todos os ramos da economia).

- *Dinamismo*: A Economia paranaense tem grande dinamismo, seja no setor industrial, no setor agrícola ou no setor de serviços; característica de grande importância em um mercado internacional muito volátil.
- *Capacidade de Adaptação*: Adaptar-se rapidamente as novas tendências e as necessidades de seus agentes bem como a capacidade de “driblar” de maneira aceitável as crises macroeconômicas, faz com que a economia paranaense possua grande vantagem frente a outras economias do país e até mesmo de outros países.
- *Infra-estrutura*: A infra-estrutura (no que se refere a grande integração viária, a facilidade de contato com o Mercosul e o potencial energético que o estado possuiu, e que não é bem aproveitado internamente) do estado paranaense vem sendo modernizada e tem cada vez mais importância no tocante a atrair investimentos externos e novas indústrias para o estado.
- *Apoio Governamental* – A economia paranaense conta desde a década de 70 com governos estaduais que sempre buscaram de uma forma ou de outra o avanço industrial e econômico do estado, independente da corrente política predominante em cada época.

Esta proposta alternativa tem como premissa básica o seguinte: “A economia paranaense faz-se complexa, para ser explicada observando-se características gerais, é necessário que se observe todos os aspectos econômicos e sociais envolvidos, e que estes sejam avaliados da melhor forma possível mesmo que sejam necessárias diferentes interpretações”. O que a premissa elaborada quer dizer é que os setores da economia paranaenses devem ser interpretados de maneira independente, isto feito chega-se ao atual estado da economia paranaense com relação a conjuntura macroeconômica e pode se propor soluções para cada um dos setores estudados. A divisão proposta para estes setores é a seguinte:

- a) Agronegócio – Onde seria estudada a produtividade, a capacidade de produção bem como a aceitação dos produtos agrícolas paranaenses no mercado nacional e internacional.
- b) A indústria – Seria realizado um estudo de potencialidades do estado em diversos setores da indústria (inclusive a agroindústria), bem como o estágio tecnológico no qual a indústria estadual encontra-se e, as possibilidades de melhoria.
- c) O setor de serviços – Através dos resultados obtidos com a pesquisa deste setor, seria colocado em evidência aqueles serviços que o estado tem maior vantagem comparativa em relação a outros estados e seriam estudados meios de se melhorar aqueles em estado deficiente.
- d) Exportações – As possibilidades de aumentar as exportações, e quais os principais entraves que impossibilitem o estado de melhorar seu desempenho seria a principal objetivo do estudo deste setor, este setor liga-se aos setores anteriores de maneira peculiar uma vez que todos os setores já mencionados, tem seu mercado externo.

Resumido esta proposta alternativa propõe que estude-se cada setor da economia, e que se verifique onde são necessárias melhorias e ajustes, sempre levando em conta a conjuntura atual e as perspectivas futuras. Há mn consenso de que as perspectivas nem sempre estarão corretas, mas apenas o fato de considera-las já é um grande avanço. Em contrapartida ao modelo pode se chegar na seguinte falha: ao se estudar isoladamente cada setor pode-se perder a noção de integração; para solucionar tal problema faz-se necessária uma mensuração das negociações inter-setoriais para que os estudos não fiquem comprometidos. Outra desvantagem deste modelo seria o grande dispêndio de recursos para sua implementação e continuidade, uma vez que seriam necessárias equipes de pessoal capacitado para mensurar os dados e para mantê-los sempre atualizados (é certo que esta proposta deve ser revista e melhorada, uma vez que o estudo da economia paranaense é complexo demais para ser explicada em uma monografia delimitada como esta).

Este modelo de interpretação pode ser considerado como uma “Proposta adaptativa e dinâmica” por verificar as condições econômicas atuais e buscar meios de adapta-la a esta conjuntura, de acordo com a necessidade de cada setor. Esta proposta não tem a ambição de tornar-se de suma importância para a economia paranaense, trata-se de uma proposta a ser discutida, passível de erros e imperfeições como todas as outras.

7. Conclusão.

Ao realizar este estudo percebe-se as complexidades da economia paranaense, bem como seus aspectos positivos e potencialidades. Pode se dizer que a economia paranaense é uma economia em constante evolução. Esta evolução transforma sua base econômica e seus principais pontos de articulação, de modo a ocorrer uma mudança estrutural. Esta mudança estrutural ocorre, ao contrário do que imagina o senso comum e mesmo alguns estudiosos, antes da instalação do pólo automotivo, uma vez que esta é um fator importantíssimo que oferece condições para a instalação deste pólo automotivo.

Outro ponto que baseia esta idéia de que a mudança ocorreu antes da instalação da indústria automotiva, é o fato das exportações paranaenses de produtos manufaturados por volta de 1994 já ultrapassarem as exportações de bens básicos em termos de valor; entretanto este fato não é a premissa principal desta mudança e sim um sinal de que já esta de fato ocorrendo. Pode-se levar em conta ainda a grande oferta de energia do estado que atrai muito o capital industrial, fato este de grande importância para uma economia em transformação, pois com abundância energética sempre há interesse em investimentos, como este estudo considera apenas energia hidrelétrica ficando outras fontes secundárias fora deste estudo.

O ponto principal a que se chega ao fim deste estudo é que a economia paranaense é imensamente dinâmica e capaz de se adequar as diversas conjunturas ou seja, a economia paranaense trata-se de uma economia flexível com vários setores eficientes, e outros tantos ineficientes; a grande vantagem frente a outras economias é que mesmo com pontos ineficientes a economia paranaense consegue finta-los de tal forma a tentar compensar esta ineficiência da melhor forma possível. Contudo a forma que se contornam estas ineficiências não é completamente mensurada, para tanto apresenta-se uma nova proposta de interpretação para a economia paranaense.

Quanto a proposta de interpretação da economia paranaense apresentada, pode se concluir que trata-se de uma alternativa a ser considerada, que busca adequar a economia paranaense ao contexto nacional e internacional, e não tenta explica-la propriamente, algo que não ocorria nos modelos existentes ou seja, é mais um método

de se mensurar estágios de desenvolvimento de cada setor, do que um estudo de causas e efeitos de determinadas políticas e situações que podem ou poderiam acontecer.

8. Referências bibliográficas.

1. COPEL – Companhia Paranaense de eletricidade. Balanço Energético 2003 ano base 2002. Curitiba, 2003.
2. COPEL – Companhia Paranaense de eletricidade. Informe Estatístico 1980. Curitiba. 1981.
3. COPEL – Companhia Paranaense de eletricidade. Informe Estatístico 1990. Curitiba, 1991.
4. FARAH Jr, M. F. **Pequena Empresa & Competitividade: Desafios e Oportunidades**. Curitiba. Juruá, 2004.
5. IPARDES – Instituto paranaense de desenvolvimento. **Paraná Economia e Sociedade**. Curitiba. 1982.
6. IPARDES – Instituto paranaense de desenvolvimento. Anuário Estatístico 1980. Curitiba, 1981.
7. IPARDES – Instituto paranaense de desenvolvimento. Anuário Estatístico 1990. Curitiba, 1991.
8. IPARDES – Instituto paranaense de desenvolvimento. Anuário Estatístico 2000. Curitiba 2001.
9. IPARDES – Quatro visões sobre o Paraná. **Análise Conjuntural**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 1-3, 16/02/1985.
10. LINHARES, T. **História econômica do mate**. Rio de Janeiro. Mali, 1969.
11. LOURENÇO, G. M. **A Economia Paranaense no anos 90: um modelo de interpretação**. Curitiba. 2000.
12. LOURENÇO, G. M. **A Economia Paranaense em tempos de globalização**. Curitiba. 2003.
13. MARTINS, W. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação do Paraná**. São Paulo. 1955.
14. PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica: caso Paraná**. São Paulo. Hucitec, 1981.
15. POMBO, J. F. R. **História do Paraná**. 2. ed. São Paulo. 1929.

16. SERRA, J. **Ciclos e Mudanças estruturais na economia brasileira do Pós Guerra**. São Paulo. 1990.
17. VASCONCELOS, M. A.; GREMAUD, A. P.; TONETO JUNIOR, R. **Economia Brasileira Contemporânea**. São Paulo. Atlas, 1996.

9. Anexos

Cálculo da evolução das variáveis estudadas.

PIB – PIB Per capita – PIB Setorial

Período de 1970 - 1984

O PIB Paranaense neste período é representado pela tabela 1.

TABELA 1 – PIB Paranaense 1970 – 1984
Preços Correntes (em US\$)

Ano	PIB Corrente	PIB Per Capita
1970	2.037.000.000,00	334,00
1971	2.317.000.000,00	434,00
1972	3.837.000.000,00	543,00
1973	5.113.000.000,00	717,00
1974	7.085.000.000,00	987,00
1975	8.338.000.000,00	1.147,00
1976	9.449.000.000,00	1.287,00
1977	11.521.000.000,00	1.554,00
1978	12.676.000.000,00	1.694,00
1979	13.954.000.000,00	1.847,00
1980	15.289.000.000,00	2.004,00
1981	17.445.000.000,00	2.242,00
1982	16.824.000.000,00	2.118,00
1983	12.928.000.000,00	1.592,00
1984	13.347.000.000,00	1.606,00

Fonte: IparDES

Nota: Dados Calculados através da taxa média cambial anual.

Calculando os dados em questão temos:

$$\text{Txs PIB} = \text{Ln}(13.347/2037) * 1/15 * 100$$

$$\text{Txs PIB} = 12,53\%$$

$$\text{Txs PIB Per Capita} = \text{Ln}(1.606/334) * 1/15 * 100$$

$$\text{Txs PIB Per Capita} = 10,47\%$$

Na Tabela 2 observamos o PIB Paranaense setorialmente ou seja, segundo o setor de produção.

TABELA 2 – PIB Paranaense Setorial 1970 – 1984
Preços Correntes (em Milhões de US\$)

Ano	Agricultura	Indústria	Serviços
1970	521.47	480.73	1.034.80
1971	729.86	488.89	1.098.26
1972	1.135.75	940.07	1.761.18
1973	1.400.96	1.211.78	2.500.26
1974	2.118.42	1.679.15	3.287.44
1975	2.409.68	2.084.50	3.843.82
1976	2.107.13	2.494.54	4.847.34
1977	2.960.90	3.064.59	5.495.52
1978	2.484.50	3.853.50	6.338.00
1979	2.679.17	4.451.33	6.823.51
1980	2.966.07	4.403.23	7.919.70
1981	3.576.23	5.233.50	8.635.28
1982	2.860.08	4.778.02	9.185.90
1983	2.301.18	3.736.19	6.890.62
1984	2.642.71	3.590.34	7.113.95

Fonte: IparDES

Nota: Dados Calculados através do percentual de participação de cada setor.

$$\text{Txs Agricultura} = \text{Ln}(2.643/521) * 1/15 * 100$$

$$\text{Txs Agricultura} = 10,83\%$$

$$\text{Txs Indústria} = \text{Ln}(3.590/481) * 1/15 * 100$$

$$\text{Txs Indústria} = 13,40\%$$

$$\text{Txs Serviços} = \text{Ln}(7.114/1035) * 1/15 * 100$$

$$\text{Txs Serviços} = 12,85\%$$

Período de 1985 - 1993

O PIB Paranaense neste período é representado pela tabela 3.

TABELA 3 – PIB Paranaense 1985 – 1993
Preços Correntes (em US\$)

Ano	PIB Corrente	PIB Per Capita
1985	14.580.000.000,00	1.731,00
1986	16.041.000.000,00	1.862,00
1987	16.339.000.000,00	1.852,00
1988	18.036.691.813,10	2.232,00
1989	26.077.920.409,20	3.023,00
1990	29.801.662.729,55	3.049,00
1991	23.813.370.883,18	2.402,00
1992	22.695.483.735,98	2.251,00
1993	25.437.367.699,84	2.721,00

Fonte: IparDES

Nota: Dados Calculados através da taxa média cambial anual.

Calculando os dados em questão temos:

$$\text{Txs PIB} = \text{Ln}(25.437/14.580) * 1/9 * 100$$

$$\text{Txs PIB} = 6,18\%$$

$$\text{Txs PIB Per Capita} = \text{Ln}(2.721/1.731) * 1/9 * 100$$

$$\text{Txs PIB Per Capita} = 5,03\%$$

Na Tabela 4 Observamos o PIB Paranaense setorialmente ou seja, segundo o setor de produção.

TABELA 4 – PIB Paranaense Setorial 1985 – 1993
Preços Correntes (em milhões US\$)

Ano	Agricultura	Indústria	Serviços
1985	3.032.64	3.703.32	7.844.04
1986	2.903.42	4.042.33	9.095.25
1987	3.349.50	4.019.39	8.970.11
1988	2.802.90	7.194.84	8.037.15
1989	3.940.37	10.600.67	11.536.87
1990	3.942.76	12.325.97	13.532.94
1991	3.243.38	9.396.76	11.173.23
1992	3.345.31	8.617.48	10.732.69
1993	3.477.29	9.752.69	12.204.85

Fonte: IpardeS

Nota: Dados Calculados através do percentual de participação de cada setor.

$$\text{Txs Agricultura} = \text{Ln}(3.477/3.033) * 1/9 * 100$$

$$\text{Txs Agricultura} = 1,52\%$$

$$\text{Txs Indústria} = \text{Ln}(9.753/3.703) * 1/9 * 100$$

$$\text{Txs Indústria} = 10,76\%$$

$$\text{Txs Serviços} = \text{Ln}(12.205/7.844) * 1/9 * 100$$

$$\text{Txs Serviços} = 4,91\%$$

Período de 1994 - 1998

O PIB Paranaense neste período é representado pela tabela 5.

TABELA 5 – PIB Paranaense 1994 – 1998
Preços Correntes (em US\$)

Ano	PIB Corrente	PIB Per Capita
1994	33.128.282.600.00	3.498.00
1995	41.903.685.711.36	4.094.00
1996	47.536.595.346.18	5.279.61
1997	49.034.328.010.00	5.291.00
1998	48.927.921.369.30	5.222.00

Fonte: IparDES

Nota: Dados Calculados através da taxa média cambial anual.

Calculando os dados em questão temos:

$$\text{TxS PIB} = \text{Ln}(48.928/33.128) * 1/5 * 100$$

$$\text{TxS PIB} = 7,8 \%$$

$$\text{TxS PIB Per Capita} = \text{Ln}(5.222/3.498) * 1/5 * 100$$

$$\text{TxS PIB Per Capita} = 8,01 \%$$

Na Tabela 6 observamos o PIB Paranaense setorialmente ou seja, segundo o setor de produção.

TABELA 6 – PIB Paranaense Setorial 1994 – 1998
Preços Correntes (em milhões US\$)

Ano	Agricultura	Indústria	Serviços
1994	4.459.07	13.201.62	15.464.28
1995	5.669.57	16.547.77	19.686.35
1996	6.189.26	18.610.58	22.737.70
1997	6.884.42	18.696.79	23.453.12
1998	6.849.91	18.343.08	23.730.04

Fonte: IparDES

Nota: Dados Calculados através do percentual de participação de cada setor.

$$\text{TxS Agricultura} = \text{Ln}(6.849/4.459) * 1/5 * 100$$

$$\text{TxS Agricultura} = 8,58 \%$$

$$\text{TxS Indústria} = \text{Ln}(18.343/13.202) * 1/5 * 100$$

$$\text{TxS Indústria} = 6,58 \%$$

$$\text{Txs Serviços} = \text{Ln}(23.730/15.464) * 1/5 * 100$$

$$\text{Txs Serviços} = 8,56 \%$$

Período de 1999 - 2000

O PIB Paranaense neste período é representado pela tabela 7.

TABELA 7 – PIB Paranaense 1999 – 2000
Preços Correntes (em US\$)

Ano	PIB Corrente	PIB Per Capita
1999	34.020.440.000,00	3.587,00
2000	36.072.171.033,19	3.772,00

Fonte: IparDES

Nota: Dados Calculados através da taxa média cambial anual.

Calculando os dados em questão temos:

$$\text{Txs PIB} = \text{Ln}(36.072/34.020) * 1/2 * 100$$

$$\text{Txs PIB} = 2,93 \%$$

$$\text{Txs PIB Per Capita} = \text{Ln}(3.772/3.587) * 1/2 * 100$$

$$\text{Txs PIB Per Capita} = 2,51 \%$$

Na Tabela 8 observamos o PIB Paranaense segundo o setor de produção.

TABELA 8 – PIB Paranaense Setorial 1999 – 2000
Preços Correntes (em milhões US\$)

Ano	Agricultura	Indústria	Serviços
1999	4.800,28	13.509,52	15.710,64
2000	4.927,46	14.886,98	16.257,73

Fonte: IparDES

Dados Calculados através do percentual de participação de cada setor.

$$\text{Txs Agricultura} = \text{Ln}(4.927/4.800) * 1/2 * 100$$

$$\text{Txs Agricultura} = 1,31 \%$$

$$\text{Txs Indústria} = \text{Ln}(14.887/13.510) * 1/2 * 100$$

$$\text{Txs Indústria} = 4,85 \%$$

$$\text{Txs Serviços} = \text{Ln}(16.258/15.711) * 1/2 * 100$$

$$\text{Txs Serviços} = 1,71\%$$

Exportações

Período de 1970 - 1984

Ao se estudar a tabela 10 percebe-se a dinâmica das exportações paranaenses , no período estudado.

TABELA 10 – Exportações Paranaenses 1970 - 1984

Ano	Preços Correntes(em US\$)		
	Básicos	semi-manufaturados	Manufaturados
1970	276.754.183,60	34.371.305,40	28.059.608,60
1971	332.241.876,00	29.253.234,00	40.686.000,00
1972	396.028.391,40	23.708.198,60	37.361.169,00
1973	576.100.717,50	28.094.412,50	49.578.375,00
1974	728.981.248,80	172.339.052,40	80.345.242,80
1975	841.993.246,80	131.008.748,32	80.628.978,72
1976	946.995.300,00	163.271.700,00	88.476.300,00
1977	1.057.966.260,00	200.631.480,00	96.317.400,00
1978	1.166.699.040,00	241.850.440,00	103.360.920,00
1979	1.272.414.220,00	286.794.200,00	109.534.040,00
1980	1.432.301.582,00	191.704.988,90	342.515.573,30
1981	1.527.687.264,00	242.364.221,60	600.986.404,80
1982	1.058.551.336,00	98.987.949,30	500.299.500,10
1983	1.076.727.520,00	58.371.505,50	313.216.524,50
1984	1.118.077.611,00	129.674.899,20	574.327.181,40

Fonte: Iparides

$$\text{Txs Básicos} = \text{Ln}(1.118/277) * 1/15 * 100$$

$$\text{Txs Básicos} = 9,30 \%$$

$$\text{Txs Semi-Manufaturados} = \text{Ln}(130/34) * 1/15 * 100$$

$$\text{Txs Semi-Manufaturados} = 8,94 \%$$

$$\text{Txs Manufaturados} = \text{Ln}(574/28) * 1/15 * 100$$

$$\text{Txs Manufaturados} = 20,14 \%$$

Período de 1985 – 1993

A tabela 11 demonstra a dinâmica das exportações, no período estudado.

TABELA 11 – Exportações Paranaenses 1985 – 1993

Ano	Preços Correntes (em US\$)		
	Básicos	Semi-Manufaturados	Manufaturados
1985	1.064.245.512,00	131.068.315,20	612.990.811,20
1986	734.140.440,00	30.193.504,00	444.258.452,00
1987	1.057.104.690,00	104.891.008,00	463.487.141,60
1988	1.262.144.217,60	204.775.027,20	530.489.664,00
1989	1.191.987.340,00	178.698.934,00	601.943.690,00
1990	1.034.965.072,00	203.630.312,00	618.363.608,00
1991	939.759.600,00	178.735.047,00	675.904.020,00
1992	1.069.789.773,00	205.728.802,50	821.649.186,60
1993	1.193.061.000,00	192.236.000,00	1.080.298.000,00

Fonte: Iparides

$$\text{Txs Básicos} = \text{Ln}(1.193/1.064) * 1/9 * 100$$

$$\text{Txs Básicos} = 1,27 \%$$

$$\text{Txs Semi-Manufaturados} = \text{Ln}(192/131) * 1/9 * 100$$

$$\text{Txs Semi-Manufaturados} = 4,25 \%$$

$$\text{Txs Manufaturados} = \text{Ln}(1.080/613) * 1/9 * 100$$

$$\text{Txs Manufaturados} = 6,29 \%$$

Período de 1994 – 2000

A tabela 12 demonstra a dinâmica das exportações, no período estudado.

TABELA 12 – Exportações Paranaenses 1994 – 1998

Ano	Preços Correntes (em US\$)		
	Básicos	Semi-Manufaturados	Manufaturados
1994	1.460.149.000,00	487.515.000,00	1.537.436.000,00
1995	1.439.671.000,00	647.327.000,00	1.461.837.000,00
1996	2.081.290.470,56	576.668.407,45	1.562.973.104,34
1997	2.524.354.766,47	560.285.584,84	1.740.876.388,12
1998	1.918.814.000,00	665.062.000,00	1.614.175.000,00
1999	1.735.679.000,00	626.797.000,00	1.528.134.000,00
2000	1.661.224.000,00	498.625.000,00	2.156.708.000,00

Fonte: Iparides

$$\text{Txs Básicos} = \text{Ln}(1.661/1.460) * 1/7 * 100$$

$$\text{Txs Básicos} = 0,18 \%$$

$$\text{Txs Semi-Manufacturados} = \text{Ln}(498/488) * 1/7 * 100$$

$$\text{Txs Semi-Manufacturados} = 0,29 \%$$

$$\text{Txs Manufacturados} = \text{Ln}(2.156/1.537) * 1/7 * 100$$

$$\text{Txs Manufacturados} = 4,85 \%$$

TABELA 16 – PIB PARANAENSE 1970 – 2000.

Ano	Preços Correntes (em US\$)	
	Pib Corrente	Pib Per capita
1970	2.037.000.000,00	334,00
1971	2.317.000.000,00	434,00
1972	3.837.000.000,00	543,00
1973	5.113.000.000,00	717,00
1974	7.085.000.000,00	987,00
1975	8.338.000.000,00	1.147,00
1976	9.449.000.000,00	1.287,00
1977	11.521.000.000,00	1.554,00
1978	12.676.000.000,00	1.694,00
1979	13.954.000.000,00	1.847,00
1980	15.289.000.000,00	2.004,00
1981	17.445.000.000,00	2.242,00
1982	16.824.000.000,00	2.118,00
1983	12.928.000.000,00	1.592,00
1984	13.347.000.000,00	1.606,00
1985	14.580.000.000,00	1.731,00
1986	16.041.000.000,00	1.862,00
1987	16.339.000.000,00	1.852,00
1988	18.036.691.813,10	2.232,00
1989	26.077.920.409,20	3.023,00
1990	29.801.662.729,55	3.049,00
1991	23.813.370.883,18	2.402,00
1992	22.695.483.735,98	2.251,00
1993	25.437.367.699,84	2.721,00
1994	33.128.282.600,00	3.498,00
1995	41.903.685.711,36	4.094,00
1996	47.536.595.346,18	5.279,61
1997	49.034.328.010,00	5.291,00
1998	48.927.921.369,30	5.222,00
1999	34.020.440.000,00	3.587,00
2000	36.072.171.033,19	3.772,00

Fonte: IPARDES

Nota: Dados calculados pela taxa média cambial anual

TABELA 17 – PIB PARANAENSE SETORIAL 1970 – 2000.

Preços Correntes (em US\$ milhões)

Ano	Agricultura		Indústria		Serviços	
	%	US\$	%	US\$	%	US\$
1970	25.60	521,47	23.60	480,73	50.80	1.034,80
1971	31.50	729,86	21.10	488,89	47.40	1.098,26
1972	29.60	1.135,75	24.50	940,07	45.90	1.761,18
1973	27.40	1.400,96	23.70	1.211,78	48.90	2.500,26
1974	29.90	2.118,42	23.70	1.679,15	46.40	3.287,44
1975	28.90	2.409,68	25.00	2.084,50	46.10	3.843,82
1976	22.30	2.107,13	26.40	2.494,54	51.30	4.847,34
1977	25.70	2.960,90	26.60	3.064,59	47.70	5.495,52
1978	19.60	2.484,50	30.40	3.853,50	50.00	6.338,00
1979	19.20	2.679,17	31.90	4.451,33	48.90	6.823,51
1980	19.40	2.966,07	28.80	4.403,23	51.80	7.919,70
1981	20.50	3.576,23	30.00	5.233,50	49.50	8.635,28
1982	17.00	2.860,08	28.40	4.778,02	54.60	9.185,90
1983	17.80	2.301,18	28.90	3.736,19	53.30	6.890,62
1984	19.80	2.642,71	26.90	3.590,34	53.30	7.113,95
1985	20.80	3.032,64	25.40	3.703,32	53.80	7.844,04
1986	18.10	2.903,42	25.20	4.042,33	56.70	9.095,25
1987	20.50	3.349,50	24.60	4.019,39	54.90	8.970,11
1988	15.54	2.802,90	39.89	7.194,84	44.56	8.037,15
1989	15.11	3.940,37	40.65	10.600,67	44.24	11.536,87
1990	13.23	3.942,76	41.36	12.325,97	45.41	13.532,94
1991	13.62	3.243,38	39.46	9.396,76	46.92	11.173,23
1992	14.74	3.345,31	37.97	8.617,48	47.29	10.732,69
1993	13.67	3.477,29	38.34	9.752,69	47.98	12.204,85
1994	13.46	4.459,07	39.85	13.201,62	46.68	15.464,28
1995	13.53	5.669,57	39.49	16.547,77	46.98	19.686,35
1996	13.02	6.189,26	39.15	18.610,58	47.83	22.737,70
1997	14.04	6.884,42	38.13	18.696,79	47.83	23.453,12
1998	14.00	6.849,91	37.49	18.343,08	48.50	23.730,04
1999	14.11	4.800,28	39.71	13.509,52	46.18	15.710,64
2000	13.66	4.927,46	41.27	14.886,98	45.07	16.257,73

FONTE: IPARDES

NOTA: Dados calculados pela taxa média cambial anual

TABELA 18 – Exportações paraenses segundo o setor de produção

Ano	Básicos		Semi-Manufaturados		Manufaturados		Operações Especiais		Total
	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	
1970	80,68	276,75	10,02	34,37	8,18	28,06	1,12	3,84	343,03
1971	81,66	332,24	7,19	29,25	10,00	40,69	1,15	4,68	406,86
1972	85,86	396,03	5,14	23,71	8,10	37,36	0,90	4,15	461,25
1973	87,15	576,10	4,25	28,09	7,50	49,58	1,10	7,27	661,05
1974	73,22	728,98	17,31	172,34	8,07	80,35	1,40	13,94	995,60
1975	78,89	841,99	12,27	131,01	7,55	80,63	1,29	13,74	1.067,37
1976	77,94	947,00	13,44	163,27	7,28	88,48	1,34	16,26	1.215,00
1977	77,00	1.057,97	14,60	200,63	7,01	96,32	1,39	19,08	1.374,00
1978	76,06	1.166,70	15,77	241,85	6,74	103,36	1,44	22,09	1.534,00
1979	75,11	1.272,41	16,93	286,79	6,47	109,53	1,49	25,26	1.694,00
1980	71,84	1.432,30	9,61	191,70	17,17	342,52	1,38	27,53	1.994,85
1981	63,61	1.527,69	10,09	242,36	25,02	600,99	1,28	30,75	2.402,02
1982	63,17	1.058,55	5,91	98,99	29,87	500,30	1,05	17,59	1.674,92
1983	73,55	1.076,73	3,99	58,37	21,41	313,22	1,05	15,36	1.462,95
1984	60,70	1.118,08	7,04	129,67	31,18	574,33	1,08	19,89	1.841,97
1985	58,32	1.064,25	7,18	131,07	33,58	612,99	0,92	16,79	1.825,46
1986	60,32	734,14	2,48	30,19	36,49	414,26	0,71	8,64	1.217,48
1987	64,52	1.057,10	6,40	104,89	28,28	463,49	0,80	13,11	1.638,92
1988	62,93	1.262,14	10,21	204,78	26,45	530,49	0,41	8,22	2.005,63
1989	60,11	1.191,99	9,01	178,70	30,35	601,94	0,53	10,51	1.983,34
1990	55,42	1.034,97	10,90	203,63	33,10	618,36	0,58	10,84	1.867,79
1991	51,98	939,76	9,89	178,74	37,40	675,90	0,73	13,19	1.807,59
1992	50,74	1.069,79	9,75	205,73	38,94	821,65	0,57	12,03	2.109,19
1993	48,09	1.193,06	7,75	192,24	43,54	1.080,30	0,63	15,55	2.481,14
1994	41,64	1.460,15	13,90	487,52	43,84	1.537,44	0,62	21,65	3.506,75
1995	40,36	1.439,67	18,15	647,33	40,98	1.461,84	0,52	18,51	3.567,35
1996	49,02	2.081,29	13,58	576,67	36,81	1.562,97	0,59	24,97	4.245,91
1997	52,00	2.524,35	11,54	560,29	35,86	1.740,88	0,59	28,73	4.854,25
1998	45,38	1.918,81	15,73	665,06	38,18	1.614,18	0,71	29,94	4.228,00
1999	44,14	1.735,68	15,94	626,80	38,86	1.528,13	1,07	41,95	3.932,56
2000	37,82	1.661,22	11,35	498,63	49,10	2.156,71	1,72	75,53	4.392,09

Fonte: Ipardecs

TABELA 19 – Participação da indústria no PIB paranaense segundo o ramo de atividade (em %).

Gênero	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984
Transf. Minerais Não metálicos	7,19	7,19	7,19	5,55	6,70	8,17	8,74	9,96	8,85	7,49	7,71	7,53	7,29	4,97	4,23
Metalurgia	3,24	3,24	3,24	2,76	3,17	3,73	3,69	3,00	2,86	2,92	3,21	3,11	1,84	1,76	2,22
Mecânica	3,28	3,28	3,28	3,33	5,33	5,40	4,72	5,99	5,55	6,21	4,49	7,33	5,63	4,54	4,30
Mat. Elétrico e Comunicação	0,54	0,54	0,54	0,63	1,17	1,27	3,49	1,93	2,76	3,49	3,60	3,46	4,14	3,63	3,91
Material de Transporte	1,76	1,76	1,76	1,02	1,33	2,08	1,73	1,47	1,25	1,63	2,12	3,84	2,33	2,52	3,47
Madeira	22,50	22,50	22,50	27,76	25,34	20,54	17,98	14,68	14,11	13,80	15,10	10,63	7,83	6,02	5,28
Mobiliário	3,89	3,89	3,89	3,96	3,34	3,53	3,88	3,59	3,53	3,27	3,72	3,72	4,31	2,39	2,12
Papel e Papelão	5,20	5,20	5,20	6,14	7,20	4,95	5,59	5,39	4,97	5,65	6,05	4,88	5,40	4,84	5,59
Borracha	0,78	0,78	0,78	0,44	0,49	0,65	0,76	0,51	0,59	0,41	0,48	0,27	0,47	0,30	0,28
Couros e Peles, Art p/ viagem	0,84	0,84	0,84	0,64	0,39	0,39	0,40	0,35	0,52	0,53	0,40	0,45	0,42	0,57	0,66
Química	7,73	7,73	7,73	13,25	13,40	10,62	14,51	19,94	23,94	25,02	24,37	25,16	25,35	31,63	34,64
Prod. Farmacêuticos e Vet.	0,35	0,35	0,35	0,00	0,00	0,00	0,00	0,14	0,12	0,15	0,15	0,17	0,06	0,08	0,06
Perfumes, Sabões e velas	0,32	0,32	0,32	0,23	0,20	0,19	0,19	0,23	0,19	0,18	0,21	0,18	0,13	0,09	0,14
Produtos de matéria plástica	1,22	1,22	1,22	1,57	1,98	1,52	1,80	1,62	1,70	1,76	1,41	1,36	1,73	1,30	1,29
Textil	8,46	8,46	8,46	6,51	5,31	4,41	4,62	3,72	3,48	4,23	4,37	3,26	4,47	4,16	3,57
Vestuário Calçados e tecidos	0,52	0,52	0,52	0,53	0,76	0,60	1,28	1,16	1,03	1,04	1,19	0,84	0,61	0,45	0,54
Produtos Alimentares	23,67	23,67	23,67	10,92	18,78	25,94	20,50	19,94	18,74	16,56	16,15	16,14	18,55	23,50	21,39
Bebidas	2,98	2,98	2,98	2,16	1,80	1,62	1,92	1,45	1,58	1,28	0,99	1,22	2,49	2,09	1,93
Fumo	0,25	0,25	0,25	0,00	0,00	0,00	0,00	1,23	0,78	1,29	0,46	2,29	3,75	3,40	3,20
Editorial e gráfica	3,14	3,14	3,14	2,25	1,66	2,05	1,81	1,81	1,64	1,42	1,27	1,51	0,63	0,51	0,42
Diversos	0,82	0,82	0,82	0,56	0,74	1,02	1,17	1,17	1,26	1,07	1,61	2,02	2,02	0,90	0,54

continua

TABELA 19 – Participação da indústria no PIB paranaense segundo o ramo de atividade (em %).

Gênero	conclusão															
	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Transf. Minerais Não metálicos	4,97	5,79	5,89	5,77	5,80	5,52	5,39	5,26	5,14	5,01	4,89	4,76	4,63	4,51	4,36	4,25
Metalurgia	2,19	2,79	2,80	2,70	2,06	2,15	1,92	1,64	1,77	1,69	1,62	1,54	1,47	1,40	1,32	1,25
Mecânica	5,35	7,45	6,50	6,67	6,83	6,99	7,16	6,25	6,49	6,28	6,03	6,12	6,45	6,23	5,98	6,12
Mat. Elétrico e Comunicação	4,37	4,28	4,50	5,32	5,60	5,87	6,15	6,42	6,50	6,54	6,48	7,52	6,95	7,02	6,84	7,01
Material de Transporte	4,00	5,52	3,96	4,14	4,32	4,50	4,68	4,70	5,04	4,94	5,01	4,96	5,76	6,94	6,12	6,25
Madeira	7,15	8,27	3,51	3,11	1,60	0,46	1,79	3,11	3,08	3,12	3,24	3,26	5,68	5,02	4,86	5,20
Mobiliário	1,91	2,77	2,57	2,54	2,36	2,29	2,20	2,11	2,02	1,92	1,83	1,74	1,65	1,56	1,47	1,37
Papel e Papelão	6,05	6,79	5,77	5,79	5,61	5,83	5,85	5,87	5,86	5,64	6,71	6,95	5,35	5,48	5,26	5,35
Borracha	0,25	0,32	0,35	0,45	0,47	0,12	0,09	0,06	0,03	0,02	0,04	0,05	0,10	0,11	0,12	0,20
Ouros e Peles, Art p/ viagem	0,61	0,60	0,49	0,48	0,48	0,47	0,46	0,45	0,45	0,44	0,43	0,42	0,42	0,41	0,40	0,40
Química	24,82	18,28	31,95	33,36	34,77	36,17	37,58	37,98	38,10	37,98	38,00	37,20	36,10	37,01	37,18	36,15
Prod. Farmacêuticos e Vet.	0,07	0,10	0,35	0,36	0,36	0,00	0,00	0,00	0,00	0,06	0,05	0,04	0,03	0,02	0,35	0,35
Perfumes, Sabões e velas	0,20	0,32	0,45	0,14	0,13	0,20	0,12	0,11	0,11	0,10	0,09	0,08	0,06	0,07	0,06	0,06
Produtos de matéria plástica	1,68	2,24	2,13	1,77	1,79	1,61	1,83	1,85	1,87	1,89	1,81	1,98	1,95	1,82	1,76	1,60
Textil	3,77	4,30	2,52	2,24	1,96	1,68	1,40	1,12	0,84	0,76	0,28	0,00	0,26	0,56	0,85	1,11
Vestuário Calçados e tecidos	0,69	1,03	0,89	1,10	1,12	0,92	0,93	0,94	0,95	0,96	0,97	0,98	0,99	1,00	1,01	1,02
Produtos Alimentares	25,90	20,81	19,81	19,90	21,10	22,14	19,37	19,01	18,18	18,02	18,92	18,81	17,50	16,90	17,12	17,25
Bebidas	1,69	2,15	1,50	1,45	1,39	1,34	1,29	1,23	1,18	1,13	1,08	1,02	0,97	0,92	0,87	0,81
Fumo	2,68	4,19	2,67	0,90	0,25	0,00	0,00	0,00	0,00	0,32	0,64	0,44	0,55	0,72	0,25	0,25
Editorial e gráfica	0,46	0,61	0,04	0,14	0,31	0,46	0,74	0,00	1,02	1,20	1,34	1,55	1,55	1,95	2,07	2,18
Diversos	0,60	0,71	0,85	0,86	0,91	0,86	0,87	0,67	1,07	1,05	1,03	1,00	0,69	0,90	0,90	0,91

Fonte: Ipardecs.

TABELA 20 – Participação da indústria no PIB paraense segundo o ramo de atividade (em milhões de US\$).

Gênero	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984
Transf. Minerais Não metálicos	34,11	34,69	67,59	67,26	112,50	170,30	218,02	305,23	341,04	333,40	339,49	394,08	348,32	185,69	151,87
Metalurgia	15,37	15,63	30,46	33,45	53,23	77,75	92,05	91,94	110,21	129,98	141,94	162,76	87,92	63,76	79,71
Mecânica	16,56	15,62	30,83	40,35	89,50	112,56	117,74	185,57	213,87	276,48	197,71	389,62	269,00	169,62	154,33
Mat. Elétrico e Comunicação	2,56	2,61	5,08	7,63	19,65	26,47	87,06	69,15	106,36	155,35	155,52	181,08	197,81	135,62	140,33
Material de Transporte	8,35	8,49	16,56	12,36	22,33	43,30	43,16	45,05	48,17	72,56	93,36	200,97	111,33	94,15	124,55
Madeira	106,74	108,55	211,51	336,39	425,50	428,16	448,52	449,85	543,73	614,28	664,89	558,82	374,12	224,92	189,57
Mobiliário	18,45	16,77	36,57	47,99	56,08	73,68	96,79	110,02	136,03	145,58	163,80	194,69	205,93	89,29	76,12
Papel e Papelão	24,67	25,09	48,88	74,40	120,90	108,18	139,44	165,18	191,52	251,50	285,40	254,55	255,01	180,83	200,70
Borracha	3,70	3,76	7,33	5,33	6,23	13,55	18,96	15,63	22,74	18,25	21,14	14,18	22,46	11,21	10,05
Couros e Peles, Art p/ viagem	3,98	4,05	7,90	6,54	8,55	8,18	9,98	10,73	20,04	23,59	17,61	29,55	29,07	21,30	20,11
Química	36,67	37,29	72,67	160,56	225,01	221,37	361,96	611,05	922,53	1.113,72	1.073,07	1.316,75	1.211,23	1.181,76	1.243,69
Prod. Farmacêuticos e Vet.	1,66	1,69	3,29	0,00	0,00	0,00	0,00	4,29	4,62	6,68	6,60	8,96	2,87	2,99	2,15
Perfumes, Sabões e velas	1,52	1,54	3,01	2,79	3,36	3,96	4,74	7,05	7,32	6,01	9,25	9,42	6,21	3,36	5,05
Produtos de matéria plástica	5,79	5,69	11,47	19,02	33,25	31,68	44,90	49,63	65,51	78,34	82,09	71,18	82,66	46,57	46,82
Textil	40,13	40,61	79,53	78,89	89,16	91,93	115,25	114,00	134,10	188,29	102,42	170,61	218,58	155,43	128,18
Vestuário Calçados e tecidos	2,47	2,51	4,69	6,42	12,76	18,68	31,93	35,55	39,69	46,29	52,40	43,96	29,15	16,81	19,39
Produtos Alimentares	112,29	114,19	222,51	241,39	315,34	540,72	511,38	611,05	722,15	737,14	711,12	844,69	885,32	878,01	767,97
Bebidas	14,14	14,38	28,01	26,42	30,22	33,77	47,90	44,44	60,69	56,98	43,59	63,85	118,97	78,69	69,29
Fumo	1,19	1,21	2,35	0,00	0,00	0,00	0,00	37,69	30,06	57,42	20,25	119,85	179,18	127,03	114,89
Editorial e gráfica	14,90	15,15	29,52	27,27	31,23	42,73	45,15	55,47	63,20	63,21	55,92	79,33	30,10	19,05	15,05
Diversos	3,89	3,96	7,71	6,79	12,43	21,26	29,19	35,86	46,55	47,63	79,70	105,72	96,52	33,63	19,69

continua

TABELA 20 – Participação da indústria no PIB paranaense segundo o ramo de atividade (em milhões de US\$).

Gênero	conclusão															
	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1998	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Transf. Minerais Não metálicos	184,06	234,05	236,93	415,04	614,84	679,92	506,48	453,60	501,05	661,58	808,39	885,67	866,18	826,64	591,77	633,32
Metalurgia	81,10	112,78	112,54	194,26	218,79	265,01	179,99	158,67	172,33	223,47	267,83	287,40	274,85	256,03	178,53	185,69
Mecânica	198,50	301,15	261,34	479,60	723,99	862,02	672,56	538,59	532,05	829,06	997,83	1.138,97	1.205,94	1.142,77	807,87	911,08
Mat. Elétrico e Comunicação	161,84	173,01	180,87	382,96	593,42	723,90	577,70	553,49	533,92	863,39	1.072,30	1.400,01	1.299,43	1.287,38	924,05	1.043,58
Material de Transporte	148,13	223,14	158,98	207,69	457,62	534,38	439,62	405,02	491,52	652,16	829,04	923,98	1.077,46	1.090,23	827,36	930,44
Madeira	264,79	334,30	140,90	223,76	159,01	56,70	166,20	268,00	300,38	411,89	536,15	610,48	1.061,98	920,62	656,56	774,12
Mobiliário	70,73	111,97	103,22	182,75	252,74	282,55	206,77	181,71	196,59	264,12	003,33	324,04	308,37	285,38	197,99	204,51
Papel e Papelão	224,05	274,47	232,07	416,86	616,32	719,11	550,11	506,23	573,46	744,57	944,88	1.168,26	1.000,28	1.005,20	710,60	796,45
Borraoia	9,26	12,94	14,07	32,38	49,82	15,04	8,48	5,04	2,60	2,64	6,62	9,31	18,70	20,18	16,21	29,77
Ouros e Peles, Art p/ viagem	22,59	32,34	19,70	34,74	00,41	67,71	43,31	39,09	43,58	57,98	71,44	78,99	77,99	75,17	54,38	58,83
Química	919,16	738,94	1.284,57	2.400,22	3.685,45	4.458,56	3.531,11	3.272,92	3.715,77	5.013,98	6.288,15	6.923,13	6.749,54	6.788,77	5.022,84	6.381,65
Prod. Farmaceuticos e Vet.	2,59	4,04	14,07	25,00	37,10	0,00	0,00	0,00	0,00	8,01	8,55	7,95	6,31	4,55	47,28	92,10
Perfumes, Sabões e velas	7,41	12,94	18,09	10,22	14,00	24,65	11,82	9,76	10,34	13,05	15,16	15,71	14,44	12,84	8,48	8,28
Produtos de matéria plástica	62,22	90,55	85,61	127,35	189,80	223,21	172,08	159,57	182,58	249,85	299,51	389,81	365,30	333,84	240,47	238,19
Textil	139,62	173,82	101,22	161,98	207,71	207,08	131,61	96,62	82,99	162,97	46,82	0,68	52,35	102,72	112,13	166,25
Vestuário Calçados e tecidos	25,55	41,64	35,68	79,14	118,73	113,22	87,28	80,93	92,60	126,71	160,53	162,47	186,24	183,63	136,63	162,10
Produtos Alimentares	959,16	841,21	796,28	1.431,77	2.236,74	2.728,97	1.819,72	1.636,18	1.773,04	2.378,93	3.130,80	3.500,35	3.271,94	3.099,98	2.312,83	2.668,00
Bebidas	60,99	86,91	60,22	104,01	147,66	165,20	120,99	106,42	115,30	149,13	178,21	190,62	161,66	138,56	117,03	121,12
Fumo	99,25	169,37	107,32	64,75	26,59	0,00	0,00	0,00	0,00	42,25	105,91	81,39	102,83	132,07	33,77	37,22
Editorial e gráfica	17,34	24,66	1,56	10,07	32,86	56,70	69,54	0,00	99,48	153,42	221,74	288,46	289,80	357,69	279,65	324,54
Diversos	22,22	28,70	34,19	61,52	96,41	106,47	81,38	75,20	104,84	138,68	169,78	188,39	167,25	164,89	122,03	135,13

Fonte: Iparades.